



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

EMANUEL BARROS ROMA

**“CINEMA AINDA É A MAIOR E A MAIS BARATA DIVERSÃO”: uma leitura
geossimbólica dos cinemas de Campina Grande-PB.**

CAMPINA GRANDE – PB

2011

EMANUEL BARROS ROMA

**“CINEMA AINDA É A MAIOR E A MAIS BARATA DIVERSÃO”: uma leitura
geossimbólica dos cinemas de Campina Grande-PB.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao
Curso de Licenciatura Plena em Geografia da
Universidade Estadual da Paraíba, como requisito
para obtenção do Grau de Licenciado em
Geografia.

Orientador: Prof^o. Me. Arthur Tavares Valverde.

CAMPINA GRANDE – PB
2011

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na sua forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

R756c Roma, Emanuel Barros.
Cinema ainda é a maior e a mais barata diversão [manuscrito]: uma leitura geossimbólica dos cinemas de Campina Grande-PB / Emanuel Barros Roma. – 2011.
96 f.: il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2011.
“Orientação: Prof. Me. Arthur Tavares Valverde, Departamento de História e Geografia”.

1. Cinemas 2. Campina Grande 3. símbolos, Geografia, topofiliaI. Título.


21. ed. 791.437

EMANUEL BARROS ROMA

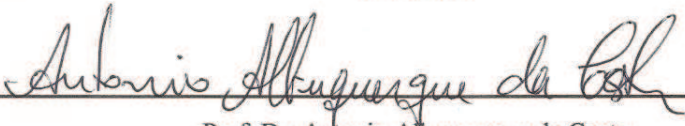
“CINEMA AINDA É A MAIOR E A MAIS BARATA DIVERSÃO”: uma leitura geossimbólica dos cinemas de Campina Grande-PB.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do Grau de Licenciado em Geografia.

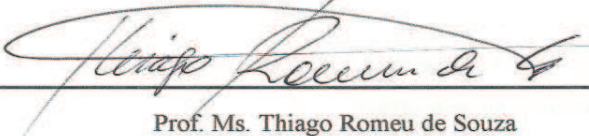
Aprovada em 10/ 06/2011.



Prof. Ms. Arthur Tavares Valverde
Orientador



Prof. Dr. Antonio Albuquerque da Costa
1º Examinador



Prof. Ms. Thiago Romeu de Souza
2º Examinador.

DEDICATÓRIA

A Deus, meus pais, a minha família e a todas as
outras pessoas que ajudaram nessa jornada,

DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela força e sabedoria espiritual diante dos desafios enfrentados no cotidiano de estudante e cidadão.

Aos meus pais, um agradecimento especial, pelo amor e carinho imensurável diante da minha constituição enquanto ser humano e cidadão voltado ao bem-estar coletivo.

A minha família que nos momentos felizes e tristes esteve sempre ao meu lado com um apoio incondicional em prol de uma dedicação ao meu sucesso enquanto ser humano e cientista.

Aos amigos pela ajuda direta e indireta de estímulo e reconhecimento do esforço para com a graduação.

Aos professores que estiveram em toda a minha trajetória de estudante no ensino fundamental, médio e superior pela formação intelectual, acadêmica e cidadã volvida a um olhar crítico para a realidade social desigual.

Ao professor Arthur Tavares Valverde pela sabedoria, paciência e apoio importante na minha formação enquanto aluno e cientista diante das adversidades surgidas no decorrer do dia-dia da graduação.

Aos professores Antonio Albuquerque da Costa e Thiago Romeu de Souza pela ajuda através da sabedoria, paciência e apoio no percurso final da graduação com a contribuição na minha maturação intelectual e científica.

A professora Marília Maria Quirino Ramos que com o seu esforço, sabedoria e paciência impar tornou possível o desenvolvimento deste trabalho diante de todas os problemas surgidos pelo grande contributo disponibilizado.

Aos profissionais do Museu Histórico e Geográfico de Campina Grande, especialmente Fátima, diante de uma compreensão e ajuda de grande valia para a realização deste trabalho.

A Ademilson, professor Josemir Camilo, Faustino Moura Neto, Alexandre Ramos, Anselmo Ronsard Cavalcanti e, mais uma vez, Antonio Albuquerque da Costa mesmo não utilizando as entrevistas agradeço a disponibilidade e paciência no concernente a minha formação cidadã.

A todas as outras pessoas que de alguma forma proporcionaram momentos e situações de grande relevância no decorrer da minha trajetória de diante da construção social, científica e

cidadã capaz de perceber o máximo e melhor possível da realidade humana no mundo no passado e presente.

RESUMO

O objeto de estudo desta pesquisa será os cinemas Apollo, Fox, Capitólio, Babilônia, Avenida, São José e Multiplex 5 pela conotação simbólica de épocas diversas da história de formação espacial urbana de Campina Grande pelo aspecto que o espaço geográfico- humanístico e o lugar (monumento) representam(vam) no contexto social dessa cidade. Os objetivos visam analisar as diferentes percepções, atitudes e valores que os sujeitos atribuíram (atribuem) aos cinemas em diversas épocas da formação urbana campinense. Redimensionar a dinâmica humana representacional acerca da leitura desses lugares que formam (formaram) simbologias identitárias relacionadas aos sujeitos na vivência (convivência) para com esses símbolos no espaço geográfico. Entender dentro do contexto social, político, econômico e cultural vigente a perspectiva formativo-afetiva para com os lugares-símbolos. Demonstrar as representações de pessoas que os vivenciaram perante os seus diversos pontos-de-vista no contexto vivido. Identificar as representatividades dos cinemas através das variadas opiniões subjetivas sobre as convivências para com esses lugares na formação comportamental, atitudinal e valorativa percebida no contexto espacial e temporal. A pesquisa realizada através das análises dos dados e resultados obtidos conclui-se que perceber, agir e valorizar a importância das salas cinematográficas de Campina Grande, especialmente o Apollo, Fox, Capitólio e Babilônia proporcionaram (proporcionam) em todo o período espaço-temporal de existência (início, consolidação, duração e decadência) que se concretizou em torno da formação cotidiana pessoal pelas diversas experiências comportamentais consolidadas consoantes aos aspectos já destacados possibilitaram toda uma simbolização espacial através de uma conjuntura formativa identificada e voltada a uma diversidade de fenômenos representativos.

Palavras-chave: Cinemas. Campina Grande. Símbolos. Geografia. Topofilia.

ABSTRACT

The object of this research is going to be the movie theaters Apollo, Fox, Capitólio, Babilônia, Avenida, São José and Multiplex 5 for the symbolic connotation of different times of the urban spatial formation history of Campina Grande through the aspect that the humanistic-geographical space and the place (monument) represent (ed) in the social context of this city. The objectives aim to analyze the different perceptions, attitudes and values that the subjects attributed (attribute) to the movie theaters in the diverse times of the campinense urban formation. Resize the representational human dynamic about the read of these places that make (made) symbological identities related to the subjects in the life (lived) toward these symbols in the geographical space. Understand inside the current social, political, economical and cultural context the affective-formative perspective toward the symbol-places. Demonstrate the representations of persons that lived through their multiple points of view in the lived context. Identify the representativities of the movie theaters through the varied subjective opinions about the conviviality toward these places in the comportamental formation, attitudinal and valorative perceived in the spatial temporal context. The research realized through the analyzes of data and results obtained it is concluded that perceive, act and valorize the importance of the cinematographical rooms of Campina Grande, especially the Apollo, Fox, Capitólio e Babilônia, provided (provide) in all the spatial temporal period of existence (beginning, consolidation, duration and decay) that concretized around the daily personal formation through the diverse behavioral experiences consolidated consonant to the aspects already highlighted enabled a whole spatial symbolization through a formative conjuncture identified and aimed to a diversity of representative phenomena.

Key-words: Movie Theaters. Campina Grande. Symbols. Geography. Topophilia.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Fotografia 1: Cine teatro Apollo.....	54
Fotografia 2: Cine tetro Fox.....	54
Fotografia 3: Imagem do Cine Teatro Capitólio na década de 1930.....	55
Fotografia 4: Cinema Capitólio na década de 1990.....	55
Fotografia 5: Cinema Babilônia na década de 1960.....	56
Fotografia 6: Cinema Babilônia atualmente.....	57
Fotografia 7: Cine Avenida.....	62
Fotografia8: Cine São José em 1945.....	63

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. ESPAÇO, LUGAR, TOPOFILIA e FENOMENOLOGIA: o quarteto conjuntural para a formação de uma perspectiva humanística e geossimbólica sobre os cinemas de Campina Grande.....	17
1.1. O espaço e o lugar na geografia humanística.....	17
1.2. A “TOPOFILIA” : a representação perceptiva, atitudinal e valorativa do sujeito para com um lugar no espaço vivido.....	31
1.3. O método fenomenológico e a geografia humanística na construção de um conhecimento geossimbólico dos cinemas de Campina Grande.....	41
2. OS CINEMAS CAMPINENSES COMO SÍMBOLOS (TRANS)FORMADORES DAS PERCEPÇÕES, ATITUDES E VALORES DOS SUJEITOS NO ESPAÇO-TEMPO PASSADO E PRESENTE CAMPINENSE	52
2.1. O APOLLO E O FOX: o início da representatividade simbólica do cinema em Campina Grande.....	74
2.2. CAPITÓLIO E BABILÔNIA: a representação do apogeu e da decadência da representatividade simbólica do cinema em Campina Grande.....	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
REFERÊNCIAS	95

INTRODUÇÃO

Pensar a sala de cinema como um espaço de diversão viável a todas as pessoas tendo por base o fator simbólico espaço-temporal da trajetória desses objetos na cidade de Campina Grande é enovelar uma série de fenômenos sociais no espaço vivido que contribuíram para proporcionar ao objeto de estudo a alcunha de símbolo diante da construção identitária através de ligações afetivas que marcaram a trajetória de vida de muitos sujeitos. Para tanto, o objeto de estudo desta pesquisa será os cinemas Apollo, Fox, Capitólio, Babilônia (com uma maior ênfase), Avenida, São José e Multiplex 5 pela conotação simbólica e representativa de épocas diversas da história de formação do espaço urbano de Campina Grande, primeira metade do século XX até os dias atuais, diante do aspecto que o espaço geográfico e humanístico e o lugar enquanto monumento representam(vam) no contexto social dessa cidade.

Os símbolos, na perspectiva geográfica humanística, representam todo um entendimento complexo acerca do que os sujeitos demonstram através dos seus comportamentos para com os lugares no contexto espacial vivido, enfocados nas percepções, atitudes e valores pela relevância que esses objetos adquirem nas suas vidas, influenciando assim a formação de identidades nesse ambiente.

A Geografia Humanística entende o espaço geográfico como espaço vivido em que as representações humanas são construídas através de signos que formam símbolos denotando significados no contexto de vida subjetivo, tendo a experiência que o sujeito adquire com o seu ambiente de vivência interpretada pela compreensão das atitudes e dos valores atribuídos aos objetos simbólicos dentro da formação social, econômica, política, cultural, histórica e geográfica dos sujeitos.

A leitura das percepções, atitudes e valores do espaço e do lugar na Geografia Humanística no entendimento de formação identitária do homem envolve toda uma representatividade afetiva que o sujeito demonstra para com o lugar em que se demonstram o leque de experiências por toda a percepção atitudinal e valorativa sobre as salas de cinema de Campina Grande acerca de um aspecto simbólico construindo uma identificação dentro da dinâmica de vivência do espaço através das relações sociais abrangidas pela cultura predominante no espaço-tempo subjetivo e social, toda a manifestação atitudinal e valorativa sobre as salas de cinema de Campina Grande.

Para tanto, é importante destacar a definição de Yi-Fu Tuan (1980, p. 5) sobre a “Topofilia” que se demonstra como “[...] o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou o ambiente físico. Difuso como conceito, vivido e concreto como experiência pessoal [...]”, ou seja, percebe-se que o lugar demonstra todo o processo formador da vida de uma pessoa em que o espaço de representação se destaca no contexto majoritário dessa ligação posto que o eixo de sustentação na construção do conceito de Topofilia destacado pelo autor “[...] é o elo [...]” onde se concentra todo o princípio conector dessa complexa relação de vivência do ser humano para com o seu “[...] ambiente físico [...]” o lugar que possui conotação simbólica onde se desenvolve destacadamente o comportamento do sujeito para com essa representação no seu contexto de vida.

Todo esse questionamento de estudo através de uma visão geográfica e humanística embasado nas categorias espaço e lugar na construção do conhecimento e entendimento sobre a Topofilia pela subjetividade humana diante desse objeto de pesquisa busca ressaltar a relevância da leitura histórica e geográfica dos diferentes sujeitos sobre os símbolos, as visões topofilicas sobre os vários pontos de vista relativos às percepções, atitudes e valores que serão apresentados pelas pessoas através do modo de convivência para com esses cinemas e as marcas históricas e geográficas proporcionadas por esses símbolos no espaço vivido campinense no contexto social, político, econômico e cultural.

Através do desenvolvimento teórico, conceitual e epistemológico diante da perspectiva fenomenológica pela observação *in loco*, pesquisa em outros trabalhos acerca dos cinemas de Campina Grande, o embasamento teórico sobre a Topofilia correlacionado a visão conceitual pela qual o espaço e o lugar são representados na Geografia Humanística e pelo conhecimento subjetivo levantado por Yi-Fu Tuan entre outros autores, será destacado diante do levantamento de hipóteses a relevância do entendimento da representação simbólica que as salas cinematográficas formaram(am) na vida dos seus frequentadores e das pessoas em geral no espaço vivido diante da criação de um laço afetivo importante pelas marcas formadas na vida desses sujeitos, a influência preponderante do contexto social, político, econômico e cultural no surgimento, duração, auge e decadência dos símbolos estudados através da representatividade na formação subjetiva para com os lugares-símbolo no espaço vivido de formação de identidades e a leitura sobre esses marcos acerca dos diversos fatos apresentados nas várias histórias de pessoas que viveram e conviveram toda a representatividade significativa dos cinemas nessa cidade.

O procedimento de realização dessa pesquisa dar-se-á pela metodologia qualitativa onde se realizou a leitura geográfica e histórica através de bibliografias diversas (livros, documentos, etc.) sobre os cinemas a que se direciona o estudo, onde buscar-se-á construir uma visão topofílica acerca das diversas opiniões sobre as salas cinematográficas que existiram (em) no contexto temporal de (trans)formação dessa *urbs*.

Os objetivos visam analisar as diferentes percepções, atitudes e valores que os sujeitos atribuíram e atribuem aos cinemas em diversas épocas da formação urbana de Campina Grande. Redimensionar a dinâmica humana representacional acerca da leitura desses lugares que formam(formaram) simbologias identitárias em relação aos sujeitos na vivência e convivência para com esses símbolos no espaço geográfico. Entender dentro do contexto social, político, econômico e cultural vigente a perspectiva da formação de laços afetivos para com os lugares-símbolos. Demonstrar as representações de pessoas que vivenciaram os cinemas perante os seus diversos pontos-de-vista diante do contexto espacial vivido. Identificar as representatividades dos cinemas através das variadas opiniões dos sujeitos sobre as convivências para com esses lugares na formação comportamental, atitudinal e valorativa percebida no contexto espacial e temporal.

A relevância de estudar e incluir a formação de um processo subjetivo sobre os lugares-símbolo na representatividade surgida no espaço geográfico dentro do contexto social, político, econômico e cultural através do redimensionamento para uma visão geográfica e humanística torna-se necessário diante da compreensão perceptiva, atitudinal e valorativa que os sujeitos atribuíram(em) as salas de cinema em Campina Grande.

No decorrer dos anos, muito interessou o conhecimento sobre a história de Campina Grande e dos seus marcos históricos que foram influência e influenciados na/pela formação dessa cidade em todos os aspectos supramencionados. No transcorrer da graduação, com as descobertas realizadas sobre a diversidade do campo científico para o estudo geográfico, percebeu-se que podia associar a curiosidade de um cidadão comum à *práxis* de pesquisador da ciência geográfica perante uma determinada situação contextual.

A importância da prática vivenciada do sujeito no cotidiano dos lugares dentro da representatividade espacial passada e presente, acerca da construção de um conhecimento comum e científico baseado em teorias geográficas e no contexto interdisciplinar pode trazer ao conhecimento das pessoas uma visão do lugar e do espaço no âmbito geográfico e humanístico

através da formação de sentimentos topofílicos perante os cinemas que marcaram a subjetividade e a coletividade no percurso histórico de surgimento, auge e decadência, ficando marcado na memória dos que direta e indiretamente foram sujeitos atuantes na (trans)formação desses símbolos nas suas vidas.

A acuidade do estudo sobre os cinemas de Campina Grande em uma perspectiva geográfica e humanística se dá pela necessidade de trazer à tona uma nova dimensão científica de estudo desses objetos para, assim, compreendê-los por outro olhar, não deixando o olhar histórico, que é fundamental para a realização desse estudo. Porém, tendo a preocupação de mostrar através dos princípios norteadores do pensamento geográfico, a teoria da Topofilia diante da perspectiva do entrelaçamento das experiências no espaço e lugar vivido pelos sujeitos, torna-se necessário ampliar o campo de visão sobre os objetos de estudo dessa pesquisa pela aplicação da teoria em uma situação de vivência diversa dos sujeitos numa perspectiva de visões subjetivas para tentar ampliar a formulação teórica.

Muito se percebe que os materiais de pesquisa sobre esses símbolos não mostram uma leitura de visões topofílicas da realidade deles no tocante às percepções, atitudes e valores para com esses lugares na formação comportamental dos sujeitos no espaço desta cidade. A possibilidade de ampliação do conhecimento científico e conceitual desses símbolos destacam-se pelo interesse de trazê-los para uma perspectiva geográfica e mostrar as subjetividades que formaram(formam) as suas histórias no espaço geográfico e dinâmico proporcionando o entendimento sobre o lugar-símbolo.

A fenomenologia será o método utilizado para o desenvolvimento da pesquisa por trabalhar com “[...] técnicas não quantitativas, como entrevistas livres, depoimentos, vivências, memórias, narrações, histórias de vida, etc.” (SPOSITO, 2000, p. 354). A partir da perspectiva humanística, enveredada pela subjetividade humana e fundamentada sobre o objeto e a construção dessa investigação na formação do conhecimento geográfico e simbólico acerca das representações dos cinemas Apollo, Fox, Capitólio, Babilônia, São José, Avenida e Multiplex 5 de Campina Grande, no contexto espacial e temporal passado e presente buscar-se-á o entendimento no tocante a formação comportamental dos sujeitos pelas percepções, atitudes e valores para com o lugar-símbolo.

A busca de informações fundamentais no desenvolvimento desse estudo deu-se a partir da coleta de referências bibliográficas sobre o objeto trabalhado e a especificidade geográfica que irá

fundamentá-lo, proporcionando condições subsidiárias teórico–metodológicas que tornarão concretas a realização desse estudo. A entrevista foi outra fonte de obtenção dos dados acerca do objeto de estudo trabalhado nessa pesquisa diante da perspectiva direta e indireta dos sujeitos sobre as salas de cinema obtidas de outros entrevistadores sobre os entrevistados.

Diante de toda a obtenção dos dados textuais através do referencial bibliográfico, documental, entrevistas, observação direta e indireta, buscou-se realizar uma análise sistemática, correlacional e direcionada ao respectivo objeto de estudo e a teoria fundamentada nas categorias de análise para a concretização desse procedimento diante desse elemento que tornará possível a formação lógica, coerente e coesa do estudo na busca de uma nova perspectiva de compreensão dos cinemas no cotidiano de Campina Grande.

A pesquisa foi organizada de acordo com uma lógica teórica, conceitual e metodológica fundamentada em dois grandes capítulos subdivididos para uma melhor estruturação textual de leitura e compreensão científica que envolve a formação geossimbólica do objeto de estudo, tecendo–se uma diretriz arquitetada na compreensão comportamental humana frente à determinados fenômenos sociais vividos e percebidos no espaço–tempo cotidiano, ou melhor.

O primeiro capítulo está configurado da seguinte forma:

- Na primeira parte serão destacadas as categorias espaço e lugar através da epistemologia humanista onde levantará toda uma série de posicionamentos teórico-conceituais e metodológicos de Paulo Cesar da Costa Gomes, Milton Santos, Roberto Lobato Corrêa, Yi-Fu Tuan, primordialmente, entre outros autores que analisam estas categorias geográficas direta e indiretamente no tocante a compreensão dos comportamentos humanos no contexto de (trans)formação do planeta pela criação e identificação com fenômenos simbólicos que fundamentam a prática discursiva de direcionamento interpretativo da vinculação afetiva no contexto espacial e temporal passado e presente.

- A segunda parte desse capítulo terá por destaque a Topofilia que se desenvolve através do trabalho de Yi-Fu Tuan voltado a toda configuração comportamental humana diante da percepção, atitudes e valores pela ligação afetiva e simbólica com determinado objeto natural e/ou humano no espaço vivido que se enovela dessa forma no cotidiano subjetivo por situações e momentos marcantes e, com isso, prescrevendo-se como algo destacadamente influenciador na ligação afetiva para com o lugar-símbolo.

- A terceira terá por fundamento a discussão da fenomenologia correlacionada à Geografia pela epistemologia humanística desenvolvendo o entendimento geossimbólico do fenômeno através do levantamento sobre o que se entende por Fenomenologia a partir do trabalho de Angela Alles Bello que discorrerá por toda uma organização sobre essa área do conhecimento e a sua teorização, conceitualização e aplicação metodológica diante dos fenômenos presentes no cotidiano científico e diário sendo trazido o pensamento geográfico de Milton Santos, Yi-Fu Tuan e Anne Buttimer para uma estruturação da Fenomenologia no ambiente geográfico através da sua aplicação teórica, conceitual e metodológica sobre o conhecimento fenomenológico.

O segundo capítulo se organiza do modo seguinte:

- A primeira e segunda parte estão organizadas pela elucidação sobre as salas de cinema Apollo, Fox, Capitólio, Babilônia, São José, Avenida e Multiplex 5 que no decorrer do espaço-tempo tornaram-se objetos de conotação identitária e simbólica no contexto cotidiano de Campina Grande através da influência direta e ou indireta ocasionada na vida de muitos sujeitos pela leitura dos trabalhos de Lincon César Medeiros de Souza, Antonio Clarindo Barbosa de Souza, Ronaldo Dinoá, Severino Cabral Filho, entre outros que enfatizam a relevância desses objetos. No passo seguinte destacar-se-ão brevemente os cinemas Apollo, Fox, Capitólio e Babilônia que tiveram uma maior notoriedade no cotidiano subjetivo diante da sua representação espacial e temporal como lugares-símbolo.

1. ESPAÇO, LUGAR, TOPOFILIA E FENOMENOLOGIA: o quarteto conjuntural para a formação de uma perspectiva humanística e geossimbólica sobre os cinemas de Campina Grande.

1.1. O espaço e o lugar na geografia humanística.

Trabalhar temas das mais diversas vivências, com distintas situações subjetivas no espaço-tempo vivido e percebido diante da formação de identidades para com os lugares-símbolo mostra a relevância do conhecimento humanístico no tocante ao seu uso nas variadas situações em que

Um dos desafios [...] e não o menor deles, parece ser o de estender a análise espacial por domínios quase desconhecidos dos geógrafos, sem jamais perder de vista as marcas que individualizam o caráter geográfico dessas pesquisas. Para nós, como já afirmamos em outras ocasiões, essas marcas são obtidas essencialmente pela importância explicativa que atribuímos à localização relacional que se estabelece entre as coisas, os fatos, os fenômenos e as pessoas (GOMES, 1997, p. 13 - 42 *apud* GOMES, 2008, p. 188).

Percebemos, assim como apresenta o autor, que a resultante desse processo conjuntural entre as correlação espacial constituída através da ligação fenomenológica e dos fatos amparados nas coisas elaboradas pelas pessoas destacam-se no entendimento sobre o espaço ordenado.

Para entendermos de outra maneira o processo de formação do espaço, enquanto espaço vivido, e do lugar urge fundamentalmente buscar as várias percepções perante as atitudes e os valores experienciados pelos sujeitos que resultam em uma subjetividade e ambiguidade dentro dos fatos os mais diversos vivenciados em relação a essa situação podemos ressaltar, assim sendo, que “Certo, dizemos nós, existem percepções diversas das mesmas coisas, pois há indivíduos diferentes” (SANTOS, 1988, p.24). Diante do que se destacou anteriormente, é relevante enfatizar uma evolução e inovação do pensamento geográfico através da perspectiva humanística por tornasse necessário para a compreensão do espaço e do lugar embasados pelo sentimento topofílico.

Surge dentro desse contexto de estudo o espaço relativo onde

O espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento (SANTOS, 1988, p. 26).

Nota-se a ocorrência da dinâmica relacional de existência dos objetos para a concretização desse espaço diante da vivência humana simbolizada pelos lugares dando, assim, ênfase a formação do espaço relacional “[...] onde o espaço é percebido como conteúdo e representado no interior de si mesmo outros tipos de relação que existem entre objetos [...]” (MABOGUNJE, 1980, p. 52 *apud* SANTOS, 1988, p. 26) o que demonstra o processo perceptível realizado no espaço na formação de conteúdos representados internamente pelas relações formadas dos objetos resultando, assim, em uma concepção mais íntima.

A atribuição de concretude do espaço pela formação do lugar diante do seu conteúdo interno e externo refletidos nessa dinâmica relacional “[...] põe em relevo as relações entre objetos e que existe somente pelo fato de esses objetos existirem e estarem em relação uns com os outros” (MABOGUNJE, 1980, p. 52 *apud* SANTOS, 1988, p. 26).

Portanto, percebemos que o espaço e o lugar são duas categorias estruturantes e fundamentais do pensamento geográfico. A perspectiva de conhecimento delas pela escola humanística delinea-se a partir da formação experiencial que o sujeito constrói no decorrer da sua trajetória vivida e percebida, da qual se destacam momentos e situações em que determinado(s) objeto(s) proporciona(m) a constituição de uma identidade perante o entendimento humano e conceitual tornando-se, com isso, lugar de representativo significado simbólico e topofilico.

Então podemos destacar que a relação do espaço e do lugar diante da caracterização subjetiva envolta da capacidade característica comportamental de entendimento da realidade do sujeito pelo comportamento apresentado através das suas experiências com a sua capacidade de elaboração do conhecimento simbólico sobre um determinado objeto através do contexto do mundo vivido nos faz perceber a relevância da geografia humanística diante de uma nova forma de pensar a Geografia, as categorias espaço e lugar sob a ótica da singularidade humana (CORRÊA, 1995, P. 30).

Com isso, se mostra a notoriedade dessas duas categorias onde “O lugar passa a ser o conceito-chave mais relevante, enquanto o espaço adquire, para muitos autores, o significado de espaço vivido” (CORRÊA, 1995, p. 30) pelo que se percebe na geografia humanística diante da diretriz metodológica da fenomenologia a realização de toda essa conjuntura científica e humana.

Pode-se também destacar a concepção do espaço humanístico pela questão habitual por uma compreensão do homem vivendo em um ambiente socializado através da interação das

pessoas na construção dos lugares simbólicos que entoam significados diversos em “[...] que vê o ser humano não mais como indivíduo isolado, mas como um ser social por excelência” (SANTOS, 1988, p. 37) interagindo através das percepções cognitivas na formação de atitudes e valores locais.

Em torno da questão do espaço e do lugar na perspectiva humanística, destaca-se a visão de Tuan (1979, p. 404 *apud* CORRÊA, 1995, p.30) que ressalta

[...] os sentimentos espaciais e as idéias de um grupo ou povo sobre o espaço a partir da experiência. Tuan argumenta que existem vários tipos de espaços, um espaço pessoal, outro grupal, onde é vivida a experiência do *outro*, e o espaço mítico-conceitual que, ainda que ligado à experiência, ‘extrapola para além da evidência sensorial e das necessidades imediatas e em direção a estruturas mais abstratas’

Percebemos que a representatividade diante da perspectiva que o sujeito adquire através do uso dos sentidos pela experiência cotidiana é referenciada no contexto sociocultural dentro do espaço vivido concretizado no lugar em que “Tempo e lugar são componentes básicos do mundo vivo, nós os admitimos como certos. Quando, no entanto, pensamos sobre eles, podem assumir significados inesperados e levantam questões que não nos ocorreria indagar” (TUAN, 1983, p. 3) o que traz como resultante a identificação do sujeito para com o lugar no espaço vivido e percebido através das representações significativas diante da formação cultural, social, política e econômica construída pela subjetividade humana.

Pode-se destacar que a compreensão diante do cotidiano experienciado do sujeito sobre essas duas categorias por um olhar geográfico-humanístico mostra que o “‘Espaço’ e ‘lugar’ são termos familiares que indicam experiências comuns” (TUAN, 1983, p. 3) para então compreendermos a composição estrutural do tempo e do lugar no mundo através de investigações que remonta a formação identitária do sujeito direta e/ou indiretamente através das significações e do simbolismo constituído no contexto espacial de vivência e percepção subjetivo.

Yi-Fu Tuan (1979 *apud* CORRÊA, 1985, p.31) ao destacar o lugar através do entendimento humanístico mostra que essa categoria “Possui um ‘espírito’, uma ‘personalidade’, havendo um ‘sentido de lugar’ que se manifesta pela apreciação visual ou estética e pelos sentidos a partir de uma longa vivência” tornando factual a identidade que a pessoa constitui no decorrer da sua trajetória cotidiana vivida e percebida e que a leva ao conhecimento detalhado do objeto para, assim, ter a condição primordial de entendimento do lugar pela representação geohumanística.

A formação conceitual e categorial do espaço vivido dentro da Geografia através da epistemologia humanística

[...] está particularmente vinculada à geografia francesa e tem suas raízes sobretudo na tradição vidaliana, mas também na psicologia genética de Piaget, na sociologia, de onde retiraria os conceitos de espaço-regulação, espaço-apropriação e espaço-alienação e na psicanálise do espaço baseado em Bachelard e Rimbart, de onde sai à discussão sobre corpo, o sexo e a morte [...] (HOLZER, 1992 *apud* CORRÊA, 1995, p.31).

Para tanto, compreender a gênese do comportamento humano por uma perspectiva geohumanística faz-se necessário destacar a tese da problemática configurativa das atitudes e valores perceptíveis do sujeito nos variados momentos tornando-se influentes no simbolismo dos cinemas de Campina Grande.

A concepção adquirida pela categoria lugar através da geografia humanística se delineia pela ênfase de construção da identidade do sujeito diante da atribuição de valor que um determinado objeto com o *status* de símbolo na sua vida exerce no contexto espaço-tempo vivido e percebido perante a formação comportamental humana em relação aos fatos fundamentais para a vivência cotidiana.

Convém destacar que o ser humano através da sua estrutura comportamental dentro do contexto diversificado social, político, econômico e cultural proporciona para o entendimento do espaço vivido e do lugar, enquanto símbolo (trans)formador está dirimido por toda uma dinamicidade apresentada pela complexidade humana diante dos sentimentos afetivos ou repugnantes correlacionado à representatividade simbólica.

Podemos destacar diante de toda essa conjuntura que “[...] as pessoas também respondem ao espaço e ao lugar de maneiras complicadas que não se concebem no reino animal” (TUAN, 1983, p.5) o que nos mostra o quão complexa é a capacidade intelectual do ser humano relacionada a constituição de símbolos a partir de lugares com relevada significância espaço-temporal (trans)formando o cotidiano.

A compreensão que o espaço e o lugar diante da epistemologia humanística delineada pela caracterização geossimbólica enverede a partir da vivência cotidiana do sujeito através da influência social, política, econômica e cultural onde ocorre uma interdependência que se caracteriza pela capacidade de abstração do espaço vivido e concretização do lugar utilizando a capacidade sensorial, cognitiva e perceptiva de valoração atribuída ao símbolo.

O que se percebe por essa relação entre as duas categorias na perspectiva de Tuan (1983, p. 6) é a seguinte:

‘Espaço’ é mais abstrato do que ‘lugar’. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e dotamos de valor [...] As idéias (sic) de ‘espaço’ e ‘lugar’ não podem ser definidas uma sem a outra.

Portanto, cabe ressaltar que toda essa conjuntura configurativa delinea o comportamento humano em relação ao cotidiano subjetivo nas várias situações dinâmicas e estáticas pelas buscas de sentimentos os mais diversos perante as situações vividas e percebidas no espaço humanístico para com o lugar e vice-versa.

O símbolo, diante da sua construção através da representatividade do lugar, remonta ao entendimento conceitual e indireto formado pelo ser humano diante da relação mediada pelo comportamento que adquire através das experiências tornando consequente a identificação dele para com o lugar pela intimidade carregada de significado. Diante dessa situação pode-se destacar o argumento de Yi-Fu Tuan (1980, p. 166) sobre a questão do símbolo perante a representatividade na vida das pessoas onde

Um símbolo é um repositório de significados. Os significados emergem das experiências mais profundas que se acumularam através do tempo. [...] Quando os símbolos dependem de acontecimentos singulares, eles devem variar de um indivíduo para outro e de uma cultura para outra. Quando se originam em experiências comuns da maior parte da humanidade, eles têm um caráter mundial.

Para tanto, a construção de um conhecimento diante da perspectiva humanística voltada a capacidade representativa que os cinemas campinenses perpassam (perpassaram) a condição que o sujeito compreende-os dentro do contexto social, político, econômico e cultural no espaço vivido que se delinea pela experiência, torna-se fundamental na identificação para com o lugar (os cinemas) através da atribuição de valor diante das atitudes apresentadas direta e/ ou indiretamente no uso dos sentidos onde a representatividade simbólica subjetivada pelos governos e a população disseminam significados e, com essa configuração socioespacial “[...] os símbolos ganham expressão no âmbito do poder público e na esfera popular” (MELLO, 2008, p. 173).

Destaca-se através dessa situação que a perspectiva compreensiva sobre os cinemas campinenses possuem enquanto lugar-símbolo deve-se enveredar não somente pela oficialidade,

mas também pela compreensão vernacular diante da construção configurativa e relacional do lugar a partir da experiência subjetiva no tocante ao contexto espacial vivido mostrando que “[...] os indivíduos e os grupos sociais, por vezes, reabrem, recriando com sabedoria, simplicidade ou mesmo galhofa novos significados” tendo por consequência diante dessa conjuntura novas percepções, atitudes e valores onde “[...] a força vernacular floresce e ecoa, consagrando a memória simbólica dos lugares. Trata-se, em seu conjunto, de celebração, êxito e contestação” (MERREFIELD, 1997; e JOHNSON, 2004 *apud* MELLO, 2008, p. 174).

Toda essa conjuntura formativa humana de diversos comportamentos acerca de uma ou várias representações simbólicas no espaço vivido e percebido pode gerar confluências entre as percepções, atitudes e os valores diante da dinâmica do tempo pela configuração socioespacial modificada. No tocante a essa lógica, percebe-se que a subjetividade humana atribui uma diversidade de significados aos lugares-símbolo que dão ênfase a esses objetos, transformando-os, em virtude de suas funções no contexto social, político, econômico e, principalmente, cultural através de uma concepção filosófica que mostre a subjetividade_onde

Como vemos no pensamento filosófico, ‘não existem marcas e signos em si’, mas ‘somente em virtude do significado que um ser humano ou grupos’ lhes atribuem. Esta questão de posse, defesa e significado remonta a noção fenomenológica do mundo vivido, contemplando indissociavelmente os pertences privados ou públicos, parentes, amigos, conhecidos, eventos, ações, ‘canções que a minha mãe me ensinou’ e a base territorial, intrinsecamente imbricados, introjetados nos indivíduos e grupos sociais. Em outras palavras, consoante a *alma dos lugares* (WAGNER, 1979, p. 21 *apud* MELLO, 2008, P.176, grifo nosso).

Diante das circunstâncias destacadas surge o interesse em buscar identificar as várias concepções dos sujeitos sobre os cinemas Apollo, Fox, Capitólio, Babilônia, São José, Avenida e Multiplex 5 diante da diversidade comportamental contrastante e dialética, reforçando, com isso, uma ênfase maior na subjetividade humana acerca dos objetos simbólicos em destaque.

O surgimento de comportamentos/sentimentos diversos e extremos por alguns sujeitos destaca o aspecto relevante que os lugares-símbolo possuem

O fervor simbólico, como se sabe, resulta do incentivo cultivado pelo estoque de conhecimento e dos esforços emocional, ideológico ou intelectual. Decorre de acontecimentos corriqueiros e notáveis; do orgulho; das tradições e do bem comum ocorridos no chão dos ancestrais, fonte de vida; dos conflitos; das bênçãos dos céus; do sol e das tempestades; das façanhas; dos frutos; do suor; do regozijo; das permutas; das agruras e dos sonhos proporcionados nesses lares/lugares, apenas simbolicamente

apropriados, cujas dimensões se perdem no horizonte e íntimo de cada ser ou da coletividade. De toda maneira, a lealdade para com os símbolos promove, ao mesmo tempo, uma significação especial, por serem parte integrante do acervo dos indivíduos ou grupos sociais, porquanto impregnados pela força do sentimento, da experiência do reconhecimento e da sensação de pertencimento (TUAN, 1983, 1991; BUTTIMER, 1985; e MELLO, 1991 *apud* MELLO, 2008, p.181-182)

destacando-se todo o contexto da vida cotidiana do sujeito e a relevância direta e/ou indireta dos lugares simbólicos.

Para tanto, compreender o espaço e o lugar pela experiência vivida e percebida pode ser dualizado diante da facilidade ou dificuldade de expressão que o sujeito pode ter através das várias situações que o rodeiam perante as circunstâncias simples ou complexas e, também, enquanto a sua formação sociocultural para com o símbolo representado, construindo a sua interpretação no contexto de atuação.

Uma das situações é a toponímia que diante da sua disposição no espaço vivido e nos lugares pode resultar concepções simbólicas diversas dentro do contexto vivido e percebido onde

[...] as pessoas igualmente contestam o aparelho de Estado no que tange às toponímias oficiais, com sentimento, criatividade, entendimento e uma linguagem que transforma a sua maneira e perdura no tempo. As camadas populares cultivam símbolos que são transmitidos, mas elegem ou propalam a memória simbólica dos lugares (MELLO, 2008, p. 182)

que se destaca pela mudança dos nomes ou por outro fator representacional.

As representações dentro de uma concepção subjetivista no contexto vivido e percebido pelas atitudes e os valores denotam uma complexa construção do conhecimento geográfico diante do comportamento humano representado pela realidade onde “[...] podemos dizer de qualquer forma é que as representações criam seus sistemas, quadros próprios, carregados das tintas de cada momento e embebidos nos contextos de cada lugar ou grupo social” (GOMES, 2008, p.193) formando, assim, lugares que significam bastante na vida das pessoas.

No que tange a essa situação, percebemos que as representações dos lugares simbólicos no espaço-tempo passado e presente mostram uma série de comportamentos externos e internos que ressaltam a importância do patrimônio na história de formação social, política econômica e cultural de Campina Grande e por essa circunstância de grande significância deve permanecer “vivo” na memória de todos os cidadãos (moradores e visitantes) dessa cidade para assim percebemos que o “[...] dizer que o caráter simbólico dos lugares estabelece conexões,

decodificando e traduzindo um passado e o conectando ao presente, seja no âmbito dos símbolos oficiais, seja com a simbólica memória vernacular” (MELLO, 2008, p.184).

Perante as circunstâncias pormenorizadas, notamos que a imagem forma-se de acordo com o comportamento humano pelas atitudes e os valores perceptíveis com as representações que os símbolos (trans)formam-se em lugares destacando-se pelo “[...] que o valor das imagens não se encontra na conformidade possível com uma pretensa realidade que elas espelham, mas, sim, no universo de significações que se exprime através delas” (GOMES, 2008, p. 194) no contexto imbuído no espaço vivido e percebido no lugar.

Trabalhar as experiências vividas e percebidas dos sujeitos por uma perspectiva geohumanística sobre os símbolos estudados é uma atitude que surge da busca do entendimento dos vários conhecimentos vividos direta e indiretamente pelas pessoas através das concepções percebidas pelas estimas e atitudes que atribuem aos lugares-símbolo no contexto espacial vivido e percebido em que a articulação das ideias torna-se fundamental para uma compreensão ampla e significativa do objeto estudado.

A experiência é entendida como “[...] um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade. Estas maneiras variam desde os sentidos mais diretos e passivos como o olfato, paladar e tato, até a percepção visual e ativa e a maneira indireta de simbolização” (OAKESHOTT, 1933, p. 10 *apud* TUAN, 1983, p. 9). Percebemos que a construção da experiência humana se delinea pela forma de sentir, perceber e conceber que o sujeito forma diante dos lugares simbólicos presentes na amplitude do espaço vivido em que a subjetividade interpretativa dualiza formas de ação antagônicas na(s) situação(ções) de comportamento do sujeito para com o símbolo destacado pelo pensar humano onde “O pensamento dá colorido a toda experiência humana, incluindo as sensações primárias de calor e frio, prazer e dor” (TUAN, 1983, p. 9).

A formação da experiência humana realiza-se diante das situações vividas e percebidas no ambiente de fora em que o uso dos sentidos e do pensamento para o entendimento das representações simbólicas de um determinado lugar na amplitude espacial formadora do contexto dinâmico se torna complexa pela conjuntura de formação do comportamento humano perante as atitudes e os valores percebidos através das experiências humanas imbuídas no contexto social, político, econômico e cultural formador do comportamento subjetivo com as diferenças existentes, dando ênfase a ambiguidade vivenciada na conduta das pessoas diante da

representação formada sobre um lugar simbólico.

A questão de como compreender os atos experienciados diante da passividade ou atividade vivenciada pelo ser humano na aquisição ou não de aprendizado sobre os atos vividos e percebidos é o que se entende por experiência. Na situação de relação do espaço vivido, percebido e abstrato com o lugar concreto, vivenciado e representado pelo aprendizado do sujeito diante do seu comportamento delineado pelas percepções, atitudes e valores tem na experiência a capacidade de apreender com as situações cotidianas vividas e percebidas sendo que “A experiência está voltada ao mundo exterior. Ver e pensar claramente vão além do eu. O sentimento é mais ambíguo” (TUAN, 1983, p. 10).

Percebemos que diante do contexto de atuação do sujeito sobre o espaço vivido e percebido e o lugar através da formação da experiência passiva e ativa não se obtêm o conhecimento essencial do lugar simbólico pela complexidade surgida no espaço-tempo de atuação dos outros sujeitos através da constituição comportamental atitudinal e valorativa imbuída de sentimentos na representação realizada sobre ele, mas parte significativa do formador da concretude do lugar.

Diante disso, vemos que a capacidade de sentir e pensar do sujeito são influenciadores da experiência sendo que

O sentimento humano não é uma sucessão de sensações distintas; mais precisamente a memória e a intuição são capazes de produzir impactos sensoriais no cambiante fluxo da experiência, de modo que poderíamos falar de uma vida do sentimento como falamos de uma vida do pensamento (TUAN, 1983, p. 11).

Portanto, a tríade experiência, sentimento e pensamento denota o complexo formador da vida subjetiva, objetiva, sentimental e reflexiva para o conhecimento das realidades vividas e percebidas no espaço e concretizadas nos lugares simbolizados pelos sujeitos.

A formação e distinção que o sujeito concebe dos lugares simbólicos destaca a capacidade intelectual e cognitiva atribuída à estruturação e representação que o marco traz à sua vida diante do contexto espacial e locacional vivido e percebido em que

A inteligência é necessária à estruturação dos mundos. Do mesmo modo que os atos intelectuais de ver e ouvir, os sentidos do olfato e tato podem ser melhorados com a prática até chegarem a discernir mundos significantes (TUAN, 1983, p. 11)

formando-se diante dessa situação a representatividade subjetiva.

O uso dos sentidos é complexo e bastante variado acerca das representações tratadas pelo sujeito no contexto situacional concretizado pelo(s) ato(s) no lugar simbólico e na emaranhada formação do espaço geográfico em questão. Diante disso percebemos assim como Tuan (1983, p. 12-13) o envolvimento da dualidade entre a razão e emoção adquiridas pela sensação, percepção e concepção através da experiência com a movimentação constante do sujeito nos lugares no entorno do espaço vivido em que

A questão é muito acadêmica, porque a maioria das pessoas fazem uso de cinco sentidos, que se reforçam mútua e constantemente para fornecer o mundo em que vivemos, intrincadamente ordenado e carregado de emoções (TUAN, 1983, p. 13).

O ser humano em torno das suas ações perceptivas, cognitivas e sensitivas representadas na sua experiência forma uma certa familiaridade para com o lugar no contexto do espaço vivido em que “O movimento intencional e a percepção, tanto visual como háptica, dão aos seres humanos seu mundo familiar de objetos díspares no espaço” (TUAN, 1983, p. 14) condições para a formação da sua identidade complexa nos lugares-símbolo diversos no contexto usual e/ou funcional vigente, atribuindo valores diversos pelas atitudes percebidas. O conflito que os movimentos diversos acerca de um lugar-símbolo gera pode representar experiências múltiplas desses objetos na vivência do sujeito dentro da escala de atuação e repressão acerca do seu uso ou desuso.

O tato e a visão são sentidos fundamentais que interconectam o ser humano ao exterior, auxiliados pelo olfato, paladar e audição através das percepções que relativamente ajudam no entendimento da formação do espaço e lugar na vida das pessoas pelas representações simbólicas na constituição do comportamento humano complexo e dinâmico em que

O paladar, o olfato, a sensibilidade da pele e a audição não podem individualmente (nem sequer talvez juntos) nos tornar cientes de um mundo exterior habitado por objetos. No entanto, em combinação com as faculdades ‘espacializantes’ da visão e do tato, estes sentidos essencialmente não distanciadores enriquecem muito nossa apreensão do caráter espacial e geométrico do mundo (TUAN, 1983, p. 14).

O olhar, como um dos mais destacados sentidos, torna-se de grande relevância para que se delineie a sua constituição direcionado a uma capacidade sensitivo-perceptiva que torna o entendimento sobre o objeto de significância simbólica por uma situação breve decisiva na vida

do sujeito. Muito se percebe que a visibilidade através da capacidade que o ser humano possui reflete uma situação diversa e notoriamente perceptiva para que se possa proporcionar uma atração de diretriz afetiva possibilitando o surgimento de um lugar-símbolo. Para tanto, é de grande valia destacar que a partir desse referencial de perspectiva formativa do lugar ele

[...] pode ser definido de diversas maneiras. Dentre elas, esta: lugar é qualquer objeto estável que capta nossa atenção [...] Cada parada é tempo suficiente para criar uma imagem de lugar que, em nossa opinião, momentaneamente parece maior. A parada pode ser de tão curta duração e de interesse tão fugaz, que podemos não estar completamente conscientes de ter detido nossa atenção em nenhum objeto em particular; acreditamos que simplesmente estivemos olhando a cena em geral. Entretanto, estas paradas acontecem (TUAN, 1983, p. 179).

É importante destacar que diante da representatividade humana a concepção que o lugar adquire é distinta através da atração que o olhar produz para o sujeito nas mais diversas situações, diante da sua atuação no contexto espaço-tempo vivido.

A formação espacial vivida humana através da mentalidade e dos sentidos destacam a capacidade qualitativa atribuída ao espaço por lugares experienciados concreta ou imaginariamente pela vivência interligada a capacidade inventiva onde “Os espaços do homem refletem a qualidade dos seus sentidos e sua mentalidade” (TUAN, 1983, p. 18).

A vontade humana diversa e complexa de idealizar objetos na capacidade de representação e transformação da vida de muitas pessoas pela formação de símbolos entoa-se da seguinte maneira:

Os homens não apenas discriminam padrões geométricos na natureza e criam espaços abstratos na mente, como também procuram materializar seus sentimentos, imagens e pensamentos. O resultado é o espaço escultural e arquitetural e, em grande escala, a cidade planejada. Aqui o progresso vai desde sentimentos rudimentares pelo espaço e fugazes discernimentos na natureza até a sua concretização material e pública (TUAN, 1983, p. 19-20).

Sendo assim, os lugares e o espaço dão ênfase à representatividade humana na formação objetiva em um contexto subjetivo onde “Objetos e lugares são núcleos de valor. Atraem ou repelem em graus variados de nuances. Preocupar-se com eles mesmo momentaneamente é reconhecer a sua realidade e valor” (TUAN, 1983, p. 20) diante das atitudes percebidas.

A experiência total de um lugar pela vastidão de experiências vividas e percebidas no seu contexto espacial concretiza a capacidade reflexiva do sujeito pelo uso dos sentidos através do

insight e das atitudes e valores no contexto externo de representação simbólica onde

Um objeto ou lugar, atinge uma realidade concreta quando nossa experiência com ele é total, isto é, através de todos os sentidos, como também com a mente ativa e reflexiva. Quando residimos por muito tempo em determinado lugar, podemos conhecê-lo intimamente, porém a sua imagem pode não ser nítida, a menos que possamos também vê-lo de fora e pensemos em nossa experiência (TUAN, 1983, p. 20-21).

Como, também, o conhecimento externo (parcial) do lugar diante das percepções, atitudes e valores diversos acerca da representação do objeto onde

[...] pode faltar o peso da realidade porque o conhecemos apenas de fora – através dos olhos de turistas e da leitura de um guia turístico. É uma característica da espécie humana, produtora de símbolos, que seus membros possam apegar-se apaixonadamente a lugares de grande tamanho, como a nação-estado, dos quais eles só podem ter uma experiência direta limitada (TUAN, 1983, p. 21).

Dentro da perspectiva de atribuição de valor e significado que um lugar-símbolo pode representar na vida de um adulto percebe-se que a formação da personalidade do sujeito delinea-se pela representação e influência que um lugar e seus objetos adquirem no decorrer da sua vivência cotidiana experienciada ao longo do tempo vivido no espaço.

A diversidade e complexidade cultural existente entre os grupos humanos são refletidas, em parte, na organização do espaço vivido e percebido que abstrai toda essa conjuntura socioespacial no transcorrer do tempo em que pela interação advinda das aproximações, assimilações e imposições culturais de alguns povos sobre outros formou conflitos diante da destruição de aspectos simbólicos humanos de várias sociedades forçosamente e/ou alienadamente pela imposição de valores e atitudes novas através da mudança perceptiva dos sujeitos.

Pensar a organização do espaço pela funcionalidade biológica e social (cultural) que as atitudes e os valores perceptivos entoam é ressaltado da seguinte maneira:

‘Espaço’ é um termo abstrato para um conjunto complexo de idéias. Pessoas de diferentes culturas diferem na forma de dividir seu mundo, de atribuir valores às suas partes e de medi-las. As maneiras de dividir o espaço variam enormemente em complexidade e sofisticação, assim como as técnicas de avaliação de tamanho e distância. Contudo existem certas semelhanças culturais comuns, e elas repousam basicamente no fato de que o homem é a medida de todas as coisas (TUAN, 1983, p. 39).

Vemos que a capacidade biológica do homem assimilada a sua capacidade passiva, racional, perceptiva, atitudinal e valorativa através da experiência adquirida na sua vivência e convivência íntima e coletiva o fazem perceber a sua relevância na complexidade diversa e dinâmica no espaço-tempo vivido.

O espaço vivido e percebido pelo homem através da sua capacidade sensório-motora, cognitiva, emocional e racional guia-se de acordo com o lugar-símbolo experienciado diante da concepção estrutural e valorativa pelas atitudes comportamentais pessoais onde, existe uma certa influência da cultura na esquematização do espaço condizente com a sua vivência percebendo-se dessa situação algumas semelhanças na corporeidade.

As relações humanas acerca da afetividade transmitidas pelas atitudes e valores para com o lugar significativo transcendem o espaço-tempo vivido pelo sujeito através da capacidade memorial que o homem possui diante dos relatos observados sobre os fatos (fenômenos) que simbolizaram o lugar na vida do sujeito positiva ou negativamente em que a distância temporal-espacial não apagou, onde podemos enfatizar assim como Yi - Fu Tuan (1983, p.56) que “Temos apontado que certas divisões e valores espaciais devem sua existência e significado ao corpo humano, e também que a distância- um termo espacial- está intimamente ligada a termos que expressam relações interpessoais”.

Diante da dualidade entre espaciosidade, que denota abertura e liberdade, com apinhamento (restrição, aglomeração) põe-se à questão do entendimento subjetivo dessas duas ações no entorno da formação do conceito de espaço que se torna dual comparado ao conceito de lugar através das sensações comportamentais humanas no transbordar das suas atitudes e valores construídos na vivência constante com essas duas categorias geográficas.

A experiência que o sujeito adquire no espaço vivido através das percepções vivenciadas com a elaboração de atitudes e valores a ponto de torná-lo lugar diante da representatividade simbólica e conceitual onde “Quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar. A experiência cinestésica e perceptiva assim como a habilidade para elaborar conceitos são requisitos para as mudanças, quando o espaço é grande” (TUAN, 1983, p. 83) em que se exige o conhecimento pausado para se buscar a essência conflitante, contraditória e complexa da formação identitária do sujeito para com o símbolo apresentado.

Percebemos, diante da situação, que a habilidade espacial adquirida pelo sujeito com a experiência vivida e percebida no espaço e no lugar é fundamental “[...] para a subsistência,

enquanto o conhecimento espacial, no nível da articulação simbólica em palavras e imagens, não é” (TUAN, 1983, p. 84) onde “Os mundos mentais são aprimorados através de experiências sensoriais e cinestésicas. O conhecimento espacial aumenta a habilidade espacial”, ou seja, o sujeito aperfeiçoa a habilidade espacial pelo conhecimento dele desenvolvendo-a no âmbito cultural submetida de forma restrita através da agilidade corpórea e/ou ampla pela movimentação libertária do lugar de forma física (corpórea).

Ao observar um determinado espaço vivenciado onde ocorre alguma apreensão do olhar do sujeito que torna significativa a sua representação no espaço-tempo experienciado faz perceber que diante da formação comportamental concebida por ele pela identificação idealizada no tocante a compreensão enquanto lugar diante da estabilidade provocada pela atenção que é proporcionada em uma situação marcante.

No tocante a essa situação, ao se entender a representatividade que a visão pode proporcionar na constituição do entendimento do lugar humanístico Yi-Fu Tuan (1983) mostra uma série de situações e momentos criativos da natureza e do homem onde a diversidade conceitual-subjetiva humana forma o entendimento que o objeto (natural ou humano) proporciona enquanto lugar-símbolo tendo grande relevância o olhar científico, humano e emotivo no espaço-tempo de formação das atitudes e dos valores subjetivos.

Portanto, através da correlação conceitual, teórica, metodológica e epistemológica sobre o espaço e o lugar pela geografia humanística que apresentamos: além da representatividade simbólica sobre o contexto espaço-temporal envolvente da formação comportamental humana pela concepção sentimental topofílica destaca um complexo construto intelectual e científico enovelado pelo conhecimento cotidiano proporciona toda uma compreensão acerca de determinado fenômeno socioespacial na (trans)formação do espaço vivido e do lugar-símbolo através da vinculação afetiva pela Topofilia que será enaltecida adiante.

1. 2. A “TOPOFILIA”: a representação perceptiva, atitudinal e valorativa do sujeito para com um lugar no espaço vivido.

Diante da perspectiva destacada por Yi-Fu Tuan (1980) a Topofilia se delinea por meio da formação comportamental pela percepção, atitudes e valores para com determinado objeto construtor do meio ambiente humano diante da capacidade subjetiva, sensitiva e cognitiva. Isto ocorre por meio da elaboração de argumentos situacionais e momentâneos diversos que denotam significados simbólicos acerca da concepção atribuída por um vínculo afetivo diante, também, na formação complexa do sentido de lugar.

Podemos destacar que a relação entre a Topofilia e os cinemas campinenses através do elo sentimental triunfante que o lugar-símbolo exerce no sujeito mostrando que “A topofilia não é a emoção humana mais forte. Quando é irresistível, podemos estar certos de que o lugar ou meio ambiente é o veículo de acontecimentos emocionalmente fortes ou é percebido como um símbolo” (TUAN, 1980, p. 107).

Percebemos que a relação etimológica da palavra se faz da seguinte maneira: “Topo” vem do latim e pode ser entendida como “lugar” e filia, também do latim, pode ser entendida como “amor”, portanto, podemos definir a Topofilia como o “amor pelo lugar” (TUAN, 1980) em que a subjetividade acerca das atitudes e valores afetivos são percebidos na sua variância diversificada entre a aparência até a essência do lugar pelos sentimentos expressos diante do uso dos sentidos na concretização e/ ou na abstração através das memórias marcantes, o que acaba por se tornar simbólico na(s) vida(s) do(s) sujeito(s) de forma direta ou indireta.

O entendimento do ser humano por si mesmo inicia-se pela percepção, atitudes e valores que possui no contexto cultural vivido do espaço e do(s) lugar(es) de identificação perante a criação de um vínculo afetivo pela sua experiência adquirida o que resulta em uma construção simbólica.

O comportamento humano, concretizado na percepção, nas atitudes e nos valores, denota um cuidado no contexto de observação teórica e prática para se buscar compreender a complexidade humana no espaço-tempo vivido diante dos lugares-símbolo vinculados à formação da identidade valorativa ou não valorativa o que representa um cuidado merecido para com a realização de estudo do sujeito formador de identidade acerca do seu vínculo afetivo para com os lugares. Diante dessa situação, percebemos assim como Yi-Fu Tuan (1980, p. 2) que

[...] numa visão mais ampla sabemos que as atitudes e crenças não podem ser excluídas

nem mesmo da abordagem prática, pois é prático reconhecer as paixões humanas em qualquer cálculo ambiental; elas não podem ser excluídas da abordagem teórica porque o homem é, de fato, o dominante ecológico e o seu comportamento deve ser compreendido em profundidade, e não simplesmente mapeado.

A construção do sentimento topofílico representado na percepção, atitudes e valores que o sujeito atribui aos lugares-símbolo diante do contexto espacial vivido delinea-se pelo fato de “[...] manter cultura e meio ambiente, topofilia e meio ambiente, tão distintos a fim de mostrar como eles mutuamente contribuem para a formação de valores [...] (e) examinar a busca do meio ambiente na cidade [...] de uma perspectiva dialética[...]”, delimitando-se ao caso da representação urbana, destacando as posições contrárias dos sujeitos diante das suas opiniões sobre os lugares- símbolo no conveniente a sua identificação no contexto vivido e percebido.

Para iniciarmos o estudo sobre as representações afetivas e empáticas que os sujeitos têm para com o lugar ou de repugnância no contexto representacional vivido, torna-se necessário compreender cinco aspectos fundamentais na concretização desses sentimentos: percepção, atitude, valor, visão de mundo e símbolo.

A percepção se destaca pela “[...] resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados” (TUAN, 1980, p. 4) diante da vivência representativa humana sobre os lugares simbólicos na formação comportamental subjetiva.

A atitude destaca-se por “[...] uma postura cultural, uma posição que se toma frente ao mundo. Ela tem maior estabilidade do que a percepção e é formada de uma longa sucessão de percepções, isto é, de experiências” (TUAN, 1980, p.4). Percebemos que para a concretização da experiência humana surge diante da atitude que o sujeito emite ao lugar simbólico no espaço-tempo vivido e percebido através de todo o aparato cognitivo que o circunda, tornando-a relevante e fundamental para a formação da memória humana sobre a geohistória dos símbolos representativos.

O valor está ligado à percepção e a atitude que o sujeito, enquanto formador de experiência, atribui no seu cotidiano acerca dos marcos simbólicos em que “As atitudes implicam experiência e uma certa firmeza de interesses e valor” (SCHIFF, 1973, p. 47 a 61 *apud* TUAN, 1980, p. 4).

A observação do mundo através da constituição da experiência humana individual e social relaciona-se à objetividade na formação das atitudes que o sujeito atribui às representações

simbólicas no espaço vivido diante da concepção social, política, econômica e cultural.

A diversidade compreensiva dos sujeitos diante das representações do espaço e do lugar vivido e percebido é um ato complexo que denota o conhecimento do social, político, econômico e cultural que o sujeito está inserido e o símbolo não é visto e percebido de maneira única apesar de que “Todos os seres humanos compartilham percepções comuns, um mundo comum, em virtude de possuírem órgãos similares” (TUAN, 1980, p. 6).

O sentido tátil se destaca como “[...] a experiência direta da resistência, a experiência direta do mundo como um sistema de resistências e de pressões que nos persuadem da existência de uma realidade independente de nossa imaginação” (TUAN, 1980, p. 9), ou seja, transcendemos a existência de outras realidades formadas por outros sujeitos imaginários diante da subjetividade complexa humana no espaço vivido concretizado pela identificação para com o lugar ou lugares.

A representação que a audição nos fornece diante do espaço vivido nos lugares-símbolo está ambientada em torno da receptividade dos sons no comportamento humano através das atitudes e dos valores atribuídos a esse fenômeno no ambiente em que está sendo emitido inserido no contexto espaço-tempo vigente em que “O próprio espaço se contrai, porque nossa experiência de espaço é aumentada grandemente pelo sentido auditivo, que fornece informações do mundo além do campo visual” (TUAN, 1980, p. 11).

O olfato é um sentido que representa no espaço vivido através da formação dos lugares simbólicos “[...] as lembranças vívidas, carregadas emocionalmente, de eventos e cenas passadas” (TUAN, 1980, p.11) que ativam a sensibilidade interpretativa e subjetiva, carregada de atitudes e valores que formam a identidade humana no cotidiano passado e presente percebendo-se que esse sentido auxilia a visão na construção dos lugares no espaço-tempo diário em que a vivência e a percepção são fundamentais para essa representação.

O uso da visão se torna mais primordial na formação das percepções, atitudes e valores do sujeito diante dos lugares significativos no contexto vivido é fundamental no que concerne a uma compreensão macro dos símbolos perante a sua essencialidade onde,

Uma pessoa que simplesmente ‘vê’ é um espectador, observador, alguém que não está envolvido com a cena. O mundo percebido através dos olhos é mais abstrato do que o conhecido por nós através dos outros sentidos. Os olhos exploram o campo visual e dele abstraem alguns objetos, pontos de interesse, perspectivas (TUAN, 1980, p. 12).

A percepção humana está imbuída no contexto do espaço e do lugar vivido pela formação social, política e cultural do sujeito diante do controle econômico, tendo as atitudes e os valores forte influência, representada nesse contexto através do uso dos sentidos pelo movimento desenvolvido nas situações vividas e percebidas no lugar-símbolo.

A formação de símbolos é uma consequência evolutiva do ser humano acerca do construto intelectual e comunicativo nas várias formas de relação que surgiram no decorrer dos tempos, diferenciando-se de uma cultura a outra, sendo refletida no espaço vivido e concretizada nos lugares que adquirem identificação na sua vida individual e coletiva.

Diante da concepção perceptiva dos sujeitos acerca dos lugares simbólicos no tocante as semelhanças e diferenças estruturais e/ ou funcionais pela conjectura dos seus objetos vemos que as representações subjetivas sobre eles “[...] são proporcionais ao tamanho do nosso corpo, à acuidade e amplitude do nosso aparelho perceptivo e ao propósito” (TUAN, 1980, p. 16-17) em que envolve as atitudes e os valores que realçam e enfatizam o comportamento humano sobre os símbolos estudados no contexto socioespacial vivido e percebido.

Os fatores cultural e etnocêntrico humano dentro da escala espacial de um grupo dessa espécie formam estruturas funcionais que diante da concepção subjetiva (individual e coletiva) induz o sujeito a atribuir significados aos lugares que ganham, em relação a essa situação, conotação simbólica diante da representação comportamental cotidiana do sujeito em que a percepção é fundamental para essa construção do ser humano dotado da capacidade intelectual, atribuindo representações semelhantes e/ ou diferentes entre os objetos percebidos.

A formação significativa e simbólica dos lugares para a pessoa acerca da sua vivência no espaço-tempo cotidiano induz a compreensão do comportamento atitudinal e valorativo no contexto específico que tem maior relevância na totalidade construtora do espaço vivido onde “A rede de associações surge, em primeiro lugar, como resposta à necessidade de ordem, que cada indivíduo tem, para estabelecer relações significantes entre a enorme variedade de fenômenos” (TUAN, 1980, p. 21) constituindo, diante disso, o quadro simbólico do(s) lugar(es) que marcou(ram) a sua vida.

O símbolo surge da capacidade que o homem possui em atribuir valor e significado a um objeto representativo em um contexto maior a que está inserido de forma concreta ou imaginária, semelhante ou diferenciada influenciado pela cultura local a que faz parte e de outras localidades. Diante dessa questão percebe-se que

Um símbolo é uma parte, que tem poder de sugerir um todo [...]. Um objeto também é interpretado como um símbolo quando projeta significados não muito claros, quando traz à mente uma sucessão de fenômenos que estão relacionados entre si, analógica ou metaforicamente. [...] Os significados de muitos símbolos são orientados pela cultura (TUAN, 1980, p. 26)

ou seja, a cultura como contexto (trans)formador da vida do sujeito, o símbolo como objeto representativo desse contexto e o significado como atributo(s) delineado(s) pelo(s) sujeito(s) através das circunstâncias experienciadas nos lugares marcantes a sua vida no espaço-tempo vivido tornam-se a tríade concretizadora para o entendimento humano acerca desse paradigma estrutural e representacional da ação humana no espaço geográfico (enquanto espaço vivido e percebido).

O espaço e os lugares são organizados no sentido centro-periferia sendo que “Em todos os lugares, as pessoas tendem a estruturar o espaço – geográfico e cosmológico – com elas no centro e a partir daí, zonas concêntricas (mais ou menos bem definidas) com valores decrescentes” (TUAN, 1980, p. 30). Vemos que os valores provenientes dos comportamentos perceptivos e atitudinais que os sujeitos demonstram sobre certos símbolos têm influência nessa estruturação espacial.

O entendimento do comportamento humano sobre os lugares simbólicos experienciados no espaço vivido e percebido pode partir da dualidade amor/ medo acerca da representatividade funcional que possuem denotando significados diversos como

‘Aberto’ e ‘fechado’ são categorias espaciais significativas a muitas pessoas. Agorafobia e claustrofobia descrevem estados patológicos, mas espaços abertos e fechados também podem estimular sentimentos topofílicos. O espaço aberto significa liberdade, a promessa de aventura, luz, o domínio público, a beleza formal e imutável; o espaço fechado significa a segurança aconchegante do útero, privacidade, escuridão, vida biológica. É tentador especular sobre a relação destes sentimentos com algumas experiências humanas profundas, consideradas filogenética e ontogeneticamente (TUAN, 1980, p. 31).

Entender as concepções egocêntrica, etnocêntrica e a centralidade no espaço-tempo vivido e percebido no contexto individual e coletivo deve a diferenciação representacional dos lugares e não-lugares na devida formação conceitual que o sujeito, pelas suas atitudes e valores, atribui sendo que “Os indivíduos são membros de grupos e todos aprenderam – embora em graus variados – a diferenciar entre ‘nós’ e ‘eles’, entre as pessoas reais e as pessoas menos reais, entre

o lugar familiar e o território estranho” (TUAN, 1980, p. 35).

A formação das atitudes e dos valores individuais dentro da coletividade se destaca pela diferenciação “[...] da fisiologia humana e da diversidade do temperamento. Como uma simples ilustração da maneira como a individualidade pode transcender as forças culturais que levam ao consenso [...]” (TUAN, 1980, p. 53), ou seja, o sujeito mesmo vivendo no próprio espaço e se identificando com os lugares em comum, ele diante do contexto cultural semelhante, forma uma concepção diferente.

O lugar de representação simbólica diante da sua visão e orientação no espaço vivido destaca-se pela linguagem discordante acerca das concepções que os sujeitos atribuem dentro da representação numérica em que o comportamento atitudinal e valorativo verbalizados no espaço vivido dão a entender como o sujeito age na sua experiência para com o lugar representado onde “A habilidade de visualização espacial e da própria orientação no espaço, também parecem estar associadas, por um lado, com a capacidade matemática e por outro, com a inarticulação da linguagem” (TUAN, 1980, p. 56).

Entender o sujeito diante das percepções, atitudes e valores representados para com o lugar simbólico no ditame contextual do sexo e da idade, assegura uma compreensão mais fundamentada da relação direta e/ ou indireta para com o lugar envolvendo razão, emoção e imaginação em que “Estamos em um terreno mais seguro quando relacionamos a amplitude das atitudes humanas com as categorias biológicas de sexo e idade” (TUAN, 1980, p.61).

A transformação no decorrer da vida do sujeito com o seu amadurecimento fisiológico e psicológico, com as excepcionalidades que porventura aparecem em algumas situações, mostram a representação comportamental, atitudinal, valorativa e perceptiva que ele, no seu contexto vivido, forma sobre um lugar que possui significância na sua vida seja por qual motivo no espaço-tempo vivido venha a representar.

A experiência vivida pelo sujeito no seu contexto individual e coletivo onde a cultura a que está inserido influencia em um certo nível as suas atitudes e valores diante do lugar-símbolo no espaço vivido, deve ser guiada pela relação entre a cultura e percepção na construção do seu comportamento diante do(s) lugar(es) seja no nível racional ou emocional e até imaginativo onde “A cultura pode influenciar a percepção, de maneira que uma pessoa possa ver coisas inexistentes? A alucinação é conhecida entre indivíduos e grupos de indivíduos. Este fenômeno fascina porque a percepção de um objeto inexistente parece surgir às regras da percepção normal”

(TUAN, 1980, p. 69).

As várias interpretações do espaço vivido e, especificamente, do lugar simbólico mostra uma série de visões subjetivas de leitura verídica atribuída a um signo onde a influência sociocultural nas atitudes e nos valores percebidos pela diversidade sensitiva mostra que o tempo de vivência aprofunda o conhecimento aparente para uma essencialidade estrita acerca de uma superação da racionalidade sobre a emoção humana em que a experiência torna-se ponto-chave nesse procedimento formado acerca de um objeto estudado com as devidas diferenças.

A essa situação Tuan (1980, p. 70) mostra o caso dos índios Hopi sobre o Windigo destacada a seguir:

Quando não há lapso de tempo entre a sensação e a sua interpretação, como no caso da visão do *windigo*, se pode falar da experiência, como percepção em sentido estrito. Quando há lapso de tempo se podem formar conceitos; uma pessoa pode parar e interpretar indícios perceptivos de maneiras diferentes, como um exercício de racionalidade. Uma interpretação é preferida e por parecer verdadeira, apega-se fortemente a ela. A verdade não é dada através de nenhuma consideração objetiva da evidência. A verdade é subjetivamente admitida como parte da experiência e da perspectiva global da pessoa. A distinção pode ser ilustrada, examinando a compreensão do espaço dos índios Hopi. Difere da estrutura estática, tridimensional do homem ocidental. Os Hopi, também estão conscientes desta diferença. A visão do homem branco somente é uma visão possível para ele mesmo, ao passo que a visão Hopi é a verdadeira, pois está de acordo com a sua experiência global.

A diferenciação sexual torna-se um influenciador na concepção cultural diferenciada do espaço vivido sobre os lugares em vários aspectos sensitivos, cognitivos e perceptivos atitudinais e valorativos ambíguos.

A elucidação dos sujeitos sobre uma representação simbólica entoa diversas concepções que derivam da formação individual e coletiva deles no espaço vivido diante do contexto social, político e econômico vigente, em que derivam-se as percepções, atitudes e valores sobre a significância que o símbolo constitui na vida das pessoas pela complexidade percebida na aparência e, especialmente, na essência do objeto simbólico, mostrando contradições e dubiedades.

A configuração arquitetônica de um lugar-símbolo representa no contexto de atuação passada e presente diante da sua funcionalidade uma série de percepções, atitudes e valores contrários e ambíguos que o espaço-tempo vivido pela economia, política e sociedade trazem à tona diante da rivalidade entre a memória concretizada nos lugares simbólicos com o progresso

demolidor e transgressor da geohistória de uma sociedade capitalista desigual e alienadora onde “As mudanças em estilos de arquitetura refletem mudanças em tecnologia, economia e na atitude das pessoas para com o que é desejável no meio ambiente físico” (TUAN, 1980, p. 80).

A perspectiva da severidade de um lugar-símbolo que represente perspicácia no espaço vivido dos sujeitos exige um melhor aprimoramento perceptivo para uma mais apurada constituição de atitudes e valores na busca de adaptar-se a situações cotidianas adversas, tendo a experiência como um aliado fundamental.

A visão que os sujeitos formam acerca dos símbolos é complexa e dinâmica pelo fato de que a formação socioespacial concretizada pela cultura predominante no espaço vivido dos sujeitos não é hegemônica diante da diversidade cultural, a subjetividade atitudinal e valorativa, o contexto social, político e econômico diverso perante os interesses alheios, construindo, assim, a complexidade no tocante as representações simbólicas vivenciadas pelo homem através das suas experiências cotidianas.

Diante da formação das concepções atitudinais e valorativas percebidas pelo comportamento humano sobre uma representação simbólica no espaço-tempo vivido vemos que a dualidade é infundida pela dicotomia que chama

[...] a atenção para a tendência da mente humana em organizar os fenômenos em polos (sic) opostos como a vida e morte, claridade e escuridão, céu e terra, sagrado e profano. Em algumas sociedades esta estrutura dualista permeia vários níveis do pensamento: afeta a organização social de um povo assim como a sua cosmologia, arte e religião. O próprio meio ambiente pode prestar-se a esta visão dualista: pode reforçar uma tendência, servindo como índice claramente visível de polaridade (TUAN, 1980, p. 96).

Onde reforça todo o processo de complexidade difundida na vivência cotidiana local campinense acerca dos cinemas.

O entendimento da Topofilia prioriza “[...] os meios pelos quais os seres humanos respondem ao meio ambiente e que podem variar, desde a apreciação visual e estética até o contato corporal; [...] as relações de saúde, familiaridade e conhecimento do passado para com a topofilia [...]” (TUAN, 1980, p. 106) não excluindo as perspectivas topofilicas acerca das opiniões, fatos e representações contrárias aos objetos de estudo.

A formação de sentimentos a partir das sensações vívidas em um lugar-símbolo advém, em algumas situações, do entusiasmo e do êxtase em que “A beleza é sentida, como o contato repentino com um aspecto da realidade até então desconhecido [...]” (TUAN, 1980, p. 108) um

mundo novo representado por lugares que simbolizaram para sempre a vida de muitos sujeitos.

Percebemos que o lugar diante da representação simbólica formada no espaço-tempo vivido dos sujeitos através da paisagem representativa mostra que “A apreciação da paisagem é mais pessoal e duradoura quando está mesclada com lembranças de incidentes humanos. Também perdura além do efêmero, quando se combinam o prazer estético com a curiosidade científica” (TUAN, 1980, p. 110).

Os conflitos divergentes que um lugar possui diante da sua funcionalidade destoante dos costumes e da moralidade prevalecente no espaço vivido pode, em algumas situações por atitudes e valores percebidos pelas motivações diversas, criar “O apego a um lugar [...]” (TUAN, 1980, p. 112) diante do paradoxo formado pelas divergências.

A convivência experienciada pelos sujeitos direta e/ou indiretamente com o lugar-símbolo pode formar sentimentos favoráveis ou contrários, onde a experiência familiar é fundamental para essa construção representacional em que o sentimento de pertença (trans)forma a personalidade do sujeito através dos valores e atitudes demonstrados que com o passar do tempo o lugar e o espaço vivido ficarão marcados na memória humana, criando um laço afetivo ou não afetivo.

A formação do sentimento topofilico para com um lugar na atribuição de valores através das atitudes perceptivas é realizada pelas diversas imagens que os sujeitos adquirem no espaço-tempo vivido, influenciado pela formação cultural passada e presente.

Os sujeitos, diante da relação topofilica para com certos lugares, idealizam-nos como a essência da permanência “eterna” nele, concebendo-o como uma extensão do lar acerca da vivência cotidiana através da atração formada na complexidade comportamental humana.

A realidade vivida pelos sujeitos no contexto socioespacial presente, diante da sua formação cultural e das particularidades entoam uma série de percepções, atitudes e valores sentimentais para com determinado lugar simbólico que constroem imagens diversas ante os aspectos gerais e, principalmente, específicos que alguns lugares representam na vida dos sujeitos percebendo-se que “As imagens da topofilia são derivadas da realidade circundante” (TUAN, 1980, p. 137).

Quando o pesquisador da realidade social, temporal e espacial passada e presente do objeto de estudo busca entender o processo de formação do sentimento topofilico para com o lugar-símbolo ele deve perceber que “A topofilia é enriquecida através da realidade do meio ambiente quando este se combina com o amor religioso ou com a *curiosidade científica*” (TUAN,

1980, p. 143, grifo nosso).

A representatividade perceptiva que um símbolo forma diante de uma atitude onde se privilegia a estética refletida em uma variação linguística faz com que se compreenda o direcionamento que o lugar (enquanto formador da representação simbólica) concebe para o sujeito e a sociedade no tocante a sua influência notória nas várias épocas, onde o contexto espacial vivido é parte significativa para a constituição de toda essa fenomenologia sobre os principais cinemas campinenses em que a variabilidade linguística embasada na diversidade subjetiva trás à tona vários olhares interpretativos acerca do fato que ganha uma concepção simbólica e, conseqüentemente, significativa enfocadas na experiência adquirida no espaço-tempo humanístico.

Yi-Fu Tuan (1980, p. 162) destaca que diante do uso da linguagem acerca da formação atitudinal dos sujeitos através das suas experiências para com as paisagens presentes na vida diária tendo diante do contexto vivido e percebido influência na constituição comportamental linguística a variabilidade de formas representativas perante o uso da linguagem, nas suas diversas representações, pelas características que dão sentido e significado e da interpretação envolta de toda essa percepção humana para com um lugar-símbolo contextualizada no espaço-tempo vivido e percebido experienciado oferece para o entendimento subjetivo a compreensão que a linguagem proporciona sobre o lugar.

Toda essa estruturação socioespacial que a Topofilia constitui diante dos aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais influenciando(ado) pelo comportamento subjetivo através da sua ligação afetiva para com um determinado lugar-símbolo faz-se perceber a notoriedade que o espaço e o lugar possuem na configuração desse termo pela representatividade humana ligada a busca do conhecimento fenomenológico através da sua relevância e influência na Geografia Humanística e no conhecimento por essa epistemologia sobre os cinemas de Campina Grande.

1.3. O método fenomenológico e a geografia humanística na construção de um conhecimento geossimbólico dos cinemas de Campina Grande.

Buscar entender um ou mais fenômenos, deve-se partir da necessidade primeira de compreender o que se denomina por fenomenologia. Bello (2006, p.18) a destaca “[...] como reflexão sobre um fenômeno ou sobre aquilo que se mostra”, ou seja, é construir uma teia de relações dos fatos (fenômenos) estudados para compreender a sua repercussão no meio em que está situado através da sua representação no espaço vivido.

Ao perceber o fenômeno representado pelo objeto (coisa), o homem compreende o seu contexto de atuação através da busca do significado uno e múltiplo que o sujeito concebe pela sua vivência diante da sua concepção sobre as atitudes e os valores que demonstram o seu afeto ou repugnância em relação ao fato. Diante dessa percepção subjetivista, percebemos que

Quando dizemos que alguma coisa se mostra, dizemos que ela se mostra a nós, ao ser humano, à pessoa humana. Isso tem grande importância. Em toda a história da filosofia sempre se deu muita importância ao ser humano, àquele a quem o fenômeno se mostra. As coisas se mostram a nós. Nós é que buscamos o significado, o sentido daquilo que se mostra (BELLO, 2006, p. 18).

A complexidade de formação do fenômeno coisificado leva o ser humano a buscar compreendê-lo na sua essência que, através de procedimentos metódicos, busca a compreensão reduzida e generalizada da coisa pelos fatos sem ocorrer à perda dos seus sentidos e significados atribuídos pelos sujeitos na busca comum de sua essência dentro da lógica de “redução eidética” onde está posto o princípio ativo da compreensão humana dos fenômenos pelos conhecimentos dos fatos em que “A intuição do sentido é o primeiro passo do caminho e revela ser possível captar o sentido” (BELLO, 2006, p.25).

A construção da experiência e do ato humano no espaço-tempo vivido ante a capacidade perceptiva e comportamental do sujeito pelas suas atitudes e valores atribuídos ao lugar com conotação simbólica fundamenta-se na capacidade dos sentidos na representação de uma situação por ele vivida. Diante disso, Bello (2006, p.27) mostra o exemplo de uma experiência cognitiva humana em relação ao copo de água onde

Vemos, sobre a mesa, o copo que antes estava lá, podíamos vê-lo, mas não tínhamos prestado atenção nele. Esta é uma coisa interessante que apresenta dois níveis. Antes víamos os copos mas não fazíamos uma reflexão, talvez porque não estivéssemos com

sede. Agora, tenho sede e começo a prestar atenção. Estamos refletindo um pouco sobre o tema do 'ver o copo'. Antes estávamos cômicos, sabíamos ter visto o copo sem ter feito uma reflexão a respeito. Todos nós tínhamos já uma *experiência perceptiva* do copo, que estava em nós, dentro de nós, mas o copo, fora. Porém, no momento em que tivemos uma experiência perceptiva do copo, ele estava também dentro de nós. De que modo estava dentro? Nós sabíamos que o copo existia, portanto estar dentro significa saber que o copo existe. Enquanto estávamos vivendo o *ato perceptivo* (o ato de ver o copo), poderíamos perguntar do que esse ato era formado. Sabemos que esse ato perceptivo era formado pelo ver o copo e também pelo copo, ali, diante dos olhos. Enquanto coisa física, enquanto existente, onde estava o copo? Estava fora. Porém, enquanto visto, onde estava? Dentro. Temos aí, o ato de ver, e enquanto vivemos o ato, estamos vivendo o copo-visto dentro de nós.

Toda essa conjuntura de formação humana diante das experiências vividas e percebidas no lugar dentro do contexto socioespacial do período mostra as vivências e reflexões diárias do homem pelas atribuições cognitivas, especialmente a visão e o texto onde se delinea a formação dos atos perceptivos e reflexivos em que “A percepção é uma porta, uma forma de ingresso, uma passagem para entrar no sujeito, ou seja, para compreender como é que ser humano é feito” (BELLO, 2006, p.30) e

[...] são registrados por nós e delas temos consciência. Ter consciência dos atos que são por nós registrados são vivências. Consciência, neste caso, não quer dizer que a cada momento nós temos que dizer 'agora estamos vendo, agora estamos tocando'. Consciência significa que, enquanto nós olhamos, nos damos conta de que estamos vendo, ou que, enquanto tocamos, nos damos conta de tocar. Depois, podemos fazer uma *reflexão* sobre essa consciência, como a que estamos fazendo agora.

A reflexão é uma vivência humana porque corresponde à capacidade que o ser humanos (sic) tem de se dar conta do que está fazendo. Ele tem capacidade de perceber e registrar aquilo que percebe, e de se dar conta de que está vivendo o ato da percepção (BELLO, 2006, p. 32-33).

Entender a relação entre os sentidos e o corpo na formação dos atos humanos no lugar e espaço vivido é buscar analisar como se processa essa representação vivida e percebida sobre determinado fenômeno em relação à corporeidade onde “Nós partimos dos atos e, através deles, chegamos à conclusão que existe um corpo em relação como mundo externo. As coisas físicas são conhecidas através da corporeidade” (BELLO, 2006, p. 37) e que se percebe a influência do comportamento humano subjetivo influenciado pelas atitudes e valores percebidos do(s) lugar(es) aonde o sujeito forma suas experiências em que se constrói a tríade corporeidade- lugar – espaço– vivido através da seguinte ordem:

O momento preliminar é o da corporeidade, proeminal a tudo aquilo que nós fazemos e é, naturalmente, o que nos dá a constituição do ser que nos localiza. O que é estar em um

lugar? Em primeiro lugar, está o nosso corpo e daí fazemos referência ao objeto físico e ao espaço. O espaço vivido está na base de todos os conceitos de espaço, mas há também o espaço que a Física considera geometrizado, idealizado. Porém, o primeiro é o espaço vivido, um espaço que permite que nos movamos, evitemos obstáculos etc., e é essa a formação da corporeidade. Podemos dar-mos conta dessa corporeidade porque temos as vivências relativas às sensações corpóreas. Esse é o primeiro nível, e o importante é que registramos isso, portanto não existe somente interioridade e exterioridade, mas interioridade, exterioridade e esse terceiro momento que é o registro dos atos, aquilo que nos possibilita ter consciência (BELLO, 2006, p. 38).

Percebemos que a formação da experiência sensível humana ante a vivência diária do sujeito é complexa no sentido de que nenhuma pessoa percebe o espaço vivido da mesma forma por causa da concepção cognitiva, psíquica e espiritual diversa dos sujeitos que como ressalta Bello (2006, p. 44)

As experiências que registramos, de que temos consciência em um nível mínimo, nos dizem que existem atos diversos, isto é, vivências qualitativamente diversas. As vivências ligadas às sensações não são da mesma qualidade daquelas que chamamos espirituais.

O sujeito diante da representação que um lugar tem na sua vida ante a concepção simbólica em presença das suas atitudes e valores perceptíveis pelo seu comportamento no espaço vivido mostra a questão da consciência humana sobre o ambiente no espaço - tempo cotidiano em que

[...] a consciência não é lugar físico, nem um lugar específico, nem é de caráter espiritual ou psíquico. É como um ponto de convergência das operações humanas, que nos permite dizer o que estamos dizendo ou fazer o que fazemos como seres humanos. Somos conscientes de que temos a realidade corpórea, a atividade psíquica e uma atividade espiritual e temos consciência de que registramos os atos (BELLO, 2006, p. 45-46).

Diante disso, percebemos que a consciência humana une o corpo, a mente (psíquico) e o espírito diante das ações (atos) que o sujeito pratica em uma determinada situação vivida com diferentes representações.

Perceber, recordar, imaginar, fantasiar, mitificar e refletir são procedimentos atitudinais presentes nos sujeitos que os operam de acordo com a experiência vivida sobre determinado lugar em situações diversas no contexto espaço-tempo vivido o que resulta que

As diferenças são secundárias, pois as estruturas não mudam. Ainda que o objeto percebido seja diverso ou que tenhamos percepções diferentes, todos ativamos a

percepção.

Todos têm e operam com a percepção, a recordação, a imaginação, a fantasia e capacidade de refletir... Nem todos ativam esses atos em um dado momento, porém, potencialmente, todos eles estão em cada um dos seres humanos (BELLO, 2006, p. 49-50)

tendo como princípio o ato de perceber através dos sentidos seguidos pelos outros atos nas situações proporcionais ao uso, o que demonstra que o comportamento delineado pelas atitudes e os valores do sujeito é bastante diverso e complexo, onde para entender o comportamento humano diante do fenômeno estudado a partir de uma abordagem dimensionada no âmbito geográfico, simbólico, humanística, fenomenológico e, possivelmente, dialético.

A síntese passiva dos fatos geradores de um fenômeno de ordem física ou social na busca da percepção cognitiva humana se mostra como um procedimento instintivo que denota situações de caráter distintivos e semelhantes do objeto em relação a outros e do objeto em si mesmo para que, assim, possamos compreender o objeto (fenômeno) no contexto atual. Diante disso, percebemos que como Bello (2006, p. 57)

Para apreender o objeto em sua unidade devemos estabelecer relações de continuidade e de descontinuidade, de homogeneidade consigo mesmo e de heterogeneidade para com outros objetos. Não nos damos conta de operar tudo isso precedentemente à percepção, pois são operações que cumprimos num nível passivo, somos afetados por elas antes que façamos qualquer coisa (BELLO, 2006, p. 57-58).

Mas deve-se ter o cuidado de que a passividade humana não está descartada de uma atividade que para se buscar a passividade sintética ocorre uma presteza humana para se chegar a essa situação de análise do fenômeno diante da sua compreensão passiva e ativa.

O procedimento de percepção diferencial imediata entre dois objetos ou mais pelos diversos atos imbuídos de um valor consciente no contexto do espaço vivido e do lugar está diante dos atos perceptíveis em que “Entramos no terreno dos atos de consciência através da percepção, distinguindo os vários atos, os atos de qualidades diversas. Se apreendo imediatamente que pessoa é diferente de cadeira, então há um ato que me permite isso [...] Para designar o ato falamos em *empatia* ou *entropatia*” (BELLO, 2006, p.62).

A percepção e a diferenciação imediata do outro são processadas simultaneamente na consciência humana pelo fato de que ocorre a diferenciação no contexto espacial e do lugar vivido pela apreensão e assimilação das diferenças entre objetos e até seres humanos.

A construção da memória humana no espaço-tempo vivido acerca dos lugares que, de

alguma forma, possuem uma representação significativa na vida do sujeito torna-se um fundamento importante para entendermos a dinâmica de transformação do espaço e do lugar vivido e percebido ante as percepções, atitudes e valores ambíguos e contraditórios que constituem, em parte, a lembrança fotográfica ou a memória diante de situações “[...] que a cada momento temos vivências perceptivas, rememorativas e imaginativas” (BELLO, 2006, p. 64).

Diante disso, o sujeito percebe as várias subjetividades existentes no espaço vivido onde os lugares formam identificações marcantes que a percepção, a memória, as atitudes e os valores ajudam nessa concretização da memória e do imaginário. Para tanto, perceber e entender a essência do fenômeno no contexto do espaço e lugar vivido na busca do seu sentido (significado) necessita de um procedimento metodológico que destaque as vivências (subjetividades) dos que representam o fenômeno em toda sua existência.

É relevante destacar a percepção estrutural, característica e construtivista da representatividade fenomenológica dentro da epistemologia geográfica e humanística dos cinemas em Campina Grande através da delimitação subjetiva onde as práticas e representações socioespaciais remontam experiências e vivências enfatizadas diante da significância simbólica que emerge desses objetos no espaço-tempo de existência estabelecidos junto à sociedade campinense criando uma nova dinâmica comportamental humana.

A construção de um pensamento geográfico diante da perspectiva fenomenológica enviesada por um ou vários fenômenos tem o homem enquanto sujeito formador da sua realidade e da contextual através da capacidade intelectual e perceptiva diante da formação consciente e comportamental perante os acontecimentos cotidianos que tornam viáveis todo o leque representativo da compreensão do ser humano enquanto (trans)formador da realidade espacial, temporal e identitária.

O humanismo enquanto perspectiva construtora de um conhecimento geográfico faz-nos remeter a uma situação de entendimento e significado sobre determinado fenômeno em que se preza todo o processo comportamental humano voltando-se a sua formação social, política, econômica e cultural através da conscientização subjetiva onde a Geografia Humanística pela sua especificidade busca “[...] entender como as atividades e os fenômenos geográficos revelam a qualidade da conscientização humana” (TUAN, 1982, p. 146) e, para tanto, a base de uma epistemologia fenomenológica torna-se fundamental na virtude subjetivista de criação do conhecimento geográfico diversificado e articulado por todo um viés de pensamento, reflexão e

compreensão da realidade humana pelos fatores estruturantes de sua existência.

O ser humano no decorrer da sua formação comportamental através do seu cotidiano tendo como fundamento os fenômenos que ocorrem no dia-a-dia através das suas atitudes e valores perante esses eventos faz-nos perceber a clara noção de representação da sua constituição social, política, econômica e cultural subjetiva e social através da significação e simbolização de seu território e da identificação voltada a uma conceituação humana sentimental para com um determinado lugar que possui uma relevância marcante na vida do sujeito pelas suas experiências corriqueiras em situações e momentos de grande impacto que se torna de grande representatividade o que faz notar o quão significativo torna-se o espaço geográfico e o lugar através da perspectiva humanística na busca por entender a teia construtiva de relações conceituais, simbólicas e afetivas estruturadas dentro do espaço vivido e percebido e que influenciam a formação de identidades para com um determinado objeto presente no cotidiano social.

Pensar como o sujeito delinea o seu comportamento em situações de aglomeração e privacidade vai muito do(s) momento(s) a que se provem as atitudes e valores pelas circunstâncias que podem ajudá-lo na concretização de atos propulsores sentimentais topofílicos através do enraizamento significativo e simbólico que o objeto constitui enquanto fenômeno cotidiano experienciado subjetivamente o que nos faz perceber a complexidade representativa de uma geografia humanística pela episteme fenomenológica “[...] está em descrever a qualidade da emoção experimentada em casos específicos” (TUAN, 1982, p. 150).

Diante da relação que um ou vários fenômenos possuem na construção da identidade geográfica e humanística do sujeito perante determinado objeto influenciador dessa prática humana nos convém destacar que todo o processo histórico de conhecimento do hábito de vida dos sujeitos através da economia, política e cultura dentro do contexto escalar local, regional, nacional e mundial afetam a dinamicidade de entendimento sobre o objeto em determinada sociedade como ele adquire para muitos sujeitos identidade geográfica humanística no espaço-tempo histórico para assim compreendermos a conscientização dele em todo essa conjuntura humana fazendo perceber que “A identidade de um lugar é a sua característica física, sua história e como as pessoas fazem uso de seu passado para promover a consciência [...]” (TUAN, 1982, p. 156).

A construção de todo um aparato diante do trabalho científico, através da Geografia

Humanística fundamentada nos ditames da fenomenologia que norteiam o entendimento conceitual, teórico e simbólico do objeto de estudo pelo entendimento correlacionado das categorias espaço e lugar com a Topofilia (TUAN, 1980; 1982; 1983) propõe todo um viés elucidativo dirimido pela conscientização e formulação do conhecimento sobre a influência dos cinemas dessa cidade no cotidiano dos sujeitos. Tudo isso se concebe em torno da conjuntura complexa de formação comportamental diante das atitudes e valores que as pessoas incidem sobre esses objetos.

Toda essa recorrência de elucidação do conhecimento geográfico e humanístico voltado ao uso do método fenomenológico nos remete a destacar o elo entre a Geografia e o cotidiano que viabilizam a formação do conhecimento sobre o estudo em questão para ser possível desenvolver um conhecimento técnico, científico e social que proporcione uma contribuição sobre

[...] a natureza e a gama da experiência e pensamentos humanos, a qualidade e a intensidade de uma emoção, a ambivalência e a ambigüidade dos valores e atitudes, a natureza e o poder do símbolo e as características dos eventos, das intenções e das aspirações humanas (TUAN, 1982, p. 159 - 160).

É preciso destacar que através da construção de um trabalho pelo geógrafo embasado na perspectiva humanística tem-se que recorrer à linguagem diante de todo o contexto de entendimento sobre determinado fenômeno para a aquisição de um conhecimento além do que se observa explicitamente perante as entrelinhas e as conversas tendo por base epistemológica toda uma estrutura proporcionada pela fenomenologia para que o torne capacitado diante da complexidade conjuntural humana diante da formação de um conhecimento útil e necessário à sociedade pela abordagem das diversas experiências caracterizadoras de significados através da formação simbólica dentro da compreensão sobre o espaço e o lugar onde segundo Yi-Fu Tuan (1982, p. 162) “Sua principal função como geógrafo é esclarecer o significado dos conceitos, dos símbolos e das aspirações, à medida que dizem respeito ao espaço e ao lugar” o que nos faz perceber como o lugar diante da sua estruturação simbólica e sentimental subjetivista torna-se uma categoria fundamental para o geógrafo humanístico.

Outro ponto de vista a ser destacado sobre a questão relacional da fenomenologia com a geografia humanística é abordado por Anne Buttimer (1982) onde ela desenvolve observações sobre a construção de uma capacidade perceptiva de entendimento acerca de um determinado fenômeno humano influenciado(r) do cotidiano subjetivo em que se convém enveredar pela

caracterização existencial de todo complexo fundamentado em um desenvolvimento amplo e expressivo de compreensão da realidade fenomenológica do objeto na vida dos sujeitos consoante as diversas experiências relacionadas para com a representatividade geográfica onde “[...] são compreendidos como perspectivas, entretanto, que apontam em direção à exploração de novas facetas da pesquisa geográfica, então o nosso reconhecimento sobre eles seria um valioso e oportuno desenvolvimento” (p. 167).

No decorrer, Anne Buttimer (1982) destaca que uma compreensão fenomenológica da geografia diante da atuação subjetiva no mundo deve-se ter a representatividade construtiva do conhecimento sobre o sujeito através das suas experiências cotidianas perante as relações para com outros sujeitos no espaço-tempo acerca de um determinado objeto remete-nos a toda uma estrutura de saber fundamentada por uma complexidade situacional que nos faça apreciar a concepção voltada à experiência humana, onde devemos adotar atitudes voltadas à perspectiva fenomenológica que evidencia os fatos pela sua produção e a pesquisa dos atos conscientes que se expressam através do ser humano mediante o comportamento apresentado sobre determinado objeto em várias situações.

Compreende-se que toda a conjuntura de entendimento e formação do conhecimento fenomenológico nos remete a destacar uma complexa estrutura de organização sobre o ser humano correlacionada a sua capacidade perceptiva do objeto simbólico diante da experiência significativa configurada em uma constituição identitária.

A concepção do conhecimento fenomenológico enviesado pela Geografia demonstra toda uma complexa configuração explicativa sobre determinado objeto (volvido a questão do mundo vivido) voltado à realidade subjetiva e social, sendo dirimida pela formação de significado através da experiência influenciadora na relação do sujeito para com a realidade contextual presente no espaço-tempo em estudo, em que se deve proceder pelo conhecimento geográfico todo um cuidado na formação do saber balizado pela fenomenologia e suas proposituras onde

A fenomenologia convida-nos a explorar algumas das condições e forças unificadoras na experiência humana do mundo (objeto). Supondo-se que tais condições unificadoras podem residir nas facetas rotineiramente dadas pela vida diária [...] esta noção oferece um bom início para um diálogo entre fenomenologia e Geografia (BUTTIMER, 1982, p. 172).

A percepção através da constituição do entendimento sobre a experiência do ser humano

no espaço vivido traz à tona uma complexa estrutura de relação do sujeito para com determinados objetos diante da organização do pensamento geográfico embasado pela fenomenologia onde se torna fundamental ressaltar a questão de elaboração conceitual do espaço pela experiência vivida e representacional como, também, a distinção metodológica entre a subjetividade e objetividade para a formação do entendimento sobre a experiência (BUTTNER, 1982, p. 173).

Anne Buttner (1982) no decorrer da sua argumentação destaca a explicação sobre o espaço pelo método fenomenológico remontando a caracterização dessa categoria a toda uma construção representacional da experiência cotidiana do sujeito através da percepção e valorização dos objetos e pessoas que proporcionam significado a dinamização espacial. Toda essa conjuntura desenvolvimentista da capacidade científica, através da epistemologia e metodologia fenomenológica sobre o conhecimento da experiência humana pela geografia é de importância fundamental a capacidade de estruturar o entendimento sobre as atitudes e valores percebidos dos sujeitos pela intersubjetividade, onde o reconhecimento da objetividade e subjetividade é realizado através da validade desses conhecimentos diferenciado do modo cartesiano sem construir identificação nenhuma para com ambos onde “[...] o modo intersubjetivo ou o modo fenomenológico esforçar-se-ia para elucidar um diálogo entre pessoas individuais e a ‘subjetividade’ do seu mundo”. (p. 175).

Podemos notar que a fenomenologia, diante da formulação metodológica sobre o conhecimento de determinado fenômeno, desenvolve-se através da capacidade de formatar a redução transcendental com a estruturação que o fato proporciona através da sua busca e a procedência de transpor pela percepção sobre o fenômeno, onde o seu comportamento diante das atitudes e valores experienciados, o torna capacitado a conscientização de toda complexa configuração do espaço vivido (mundo) tornado-se capaz de encontrar o conhecimento sobre o objeto em estudo tendo por destaque primeiro “[...] a criação de um clima que o torna psicologicamente seguro para a outra pessoa, evento ou fenômeno revelar sua estrutura interna de referência: ambiciona encontrar, mais do que dominar, objeto a ser conhecido” (BUTTNER, 1982, p. 175).

Anne Buttner reforça o seu argumento sobre a importância da fenomenologia enquanto método através de críticas ao empiricismo e idealismo diante da limitação imposta sobre o conhecimento do ser humano enquanto fenômeno construtor do saber experiencial no mundo vivido, intersubjetivo e generalizado, voltando-se a realçar toda a organização comportamental

que nos revela essencial através do conhecimento geográfico associado ao fenomenológico.

O sentido de lugar que Anne Buttimer (1982) destaca no desenvolvimento relacional entre a fenomenologia e a geografia se remete a perspectiva comportamental que as pessoas produzem diante da sua identificação para com o território perante a criação simbólica de objetos marcantes no espaço vivido. Toda essa configuração situacional traz à tona subsídios que tornam viável a relação do espaço vivido para os fenomenologistas, estruturando vários sentidos significativos diante da composição do teor simbólico na representação do lugar.

Para tanto, é relevante destacar a relação fenomenológica e geográfica sobre a formação do sentido de lugar através da experiência que nos remete ao sentido diferencial e comum do mundo vivido pelo seguinte trecho:

Os fenomenologistas afirmam teoricamente que os meios ambientes ('mundo') exercem um papel dinâmico na experiência humana; porém, freqüentemente na prática, implicitamente subordinam tal dinamismo dentro de um diálogo no qual agentes humanos atribuem significado e significação. Os geógrafos poderiam estar mais inclinados a atribuir dinamismo próprio para tais condições externas como os ecossistemas, padrões de conexão e economias.

Suplantando essas diferenças no estilo e orientação, o sentido de mundo vivido emerge como facetas pré-conscienciosamente dadas da experiência diária de lugar (BUTTIMER, 1982, p. 179-180).

A representação do espaço social através da correlação fenomenológica e geográfica delinea-se diante da capacidade humana de geografização pela experiência individual e coletiva no seu espaço-tempo vivido e em outros, desenvolvendo interações intersubjetivas compreensivas da realidade sociocultural diante de uma estruturação experiencial, linguística e cotidiana que proporciona uma pré-reflexão do fato em estudo (BUTTIMER, 1982, p. 182).

A relação estruturadora entre a geografia e a fenomenologia é, de certa maneira, complexa pela abordagem realizada sobre o objeto em estudo através da organização socioespacial associada à dinamicidade espaço-temporal cotidiana acarretando nas seguintes circunstâncias:

Muito embora refiram-se ao 'mundo' como uma estrutura intencional já constituída, ainda não reconheceram explicitamente as dinâmicas dos processos já operativos que colocam os ritmos do tempo e do espaço para as situações da vida diária. Os geógrafos recorrem a tipos similares de exageros, quando tentam opor-se às investidas do determinismo ambiental. A fenomenologia sugere que podemos reivindicar justificadamente uma focalização no homem e no meio ambiente, sem adotar uma posição determinística a propósito de relações mútuas (BUTTIMER, 1982, p. 183).

Para tanto, deve-se perceber a dinamicidade do espaço geográfico diante da realidade espaço-temporal que se desenvolve no mundo vivido por diversos interesses que configuram o cotidiano dos sujeitos através do conhecimento da prática social dessas pessoas na construção científica do dia-a-dia onde o geógrafo contribuiria com a “[...] demonstração das diversificações da superfície potencial do tempo-espaço e a estrutura dos horizontes dentro da qual os indivíduos podem escolher” (BUTTIMER, 1982, p. 185) o que nos remete a fundamental relevância da viabilidade da interpretação e construção do conhecimento da realidade subjetiva sobre determinado objeto diante do comportamento humano no decorrer do espaço-tempo.

A construção de uma representatividade geográfica humanística voltada à correlação com o conhecimento fenomenológico sobre a experiência humana está diante do contexto dinâmico social, político, econômico e cultural espaço-temporal na busca do entendimento sobre o espaço e lugar. Esse aspecto se interpela dentro de uma complexa estrutura problemática de busca do saber experiencial subjetivo e coletivo diante de todos os objetos que envolvem o contexto de elucidação das experiências humanas para o reconhecimento da experiência por si através do uso “[...] de uma linguagem e de um conjunto de categorias que irão habilitar a investigar a experiência do mundo vivido e a comunicarmos a seu respeito” (BUTTIMER, 1982, p. 185).

Diante dessa discussão sobre a fenomenologia e a geografia humanística diante da formação de um entendimento significativo e simbólico sobre as categorias espaço e lugar relacionadas à prática de construção da Topofilia, é-nos de grande notoriedade destacar nessa breve apreciação dos textos de Ângela Agnes Bello (fenomenologia), Yi-Fu Tuan e Anne Buttimer (a relação geografia humanística e fenomenologia) que se delineia toda uma complexa estrutura conceitual, categorial, metodológica e epistemológica de grande saber sobre a realidade humana no ambiente terrestre têm-se desenvolvido a cada dia dentro de uma relação fundamental para com o cotidiano diversificado de conhecimento da realidade subjetiva e intersubjetiva sobre o estudo acerca de um objeto diante de uma correlação dialógica proporcionada pelo entendimento das realidades diversas e complexas a respeito do conhecimento das salas cinematográficas de Campina Grande.

2. OS CINEMAS CAMPINENSES COMO SÍMBOLOS (TRANS)FORMADORES DAS PERCEPÇÕES, ATITUDES E VALORES DOS SUJEITOS NO ESPAÇO-TEMPO PASSADO E PRESENTE CAMPINENSE.

Pensar a sala de cinema em Campina Grande por uma perspectiva geohumanística é desvendar como um objeto através da (re)dimensionalidade espaço-temporal adquiriu uma representatividade identitária, simbólica e afetivo-emotiva diante do comportamento subjetivo que direciona(ou) uma complexidade notória através da situação de formação sentimental topofílica. Diante disso, muito se pode perceber do vínculo sentimental topofílico através de experiências direta e indireta o quão significativo e, conseqüentemente, simbólico esse objeto moderno se tornou para a sociedade campinense.

A sala de cinema no decorrer da dinâmica espaço-temporal passou por significações diante dos parâmetros modernos e pós-modernos que influenciaram na formação comportamental subjetiva o que nos remete a caracterizar esse objeto por um viés simbólico e fenomenológico concernente a sua constituição primordial influenciada no contexto vivido da sociedade campinense vinculado aos aspectos econômicos, políticos e culturais proporcionados pela modernidade e pós-modernidade (BAUMAN, 2001; CLAVAL, 1999).

Com o surgimento da sala de cinema em Campina Grande, no ano de 1909 (Cinema Brazil) (SOUZA, 2009), percebeu-se toda uma efusão através da notória formação sociocomportamental representada por esse objeto diante das atitudes e dos valores perceptíveis dos sujeitos em função dessa novidade que condicionou o exaltar moderno trazido pela exibição de filmes nas salas locais através de novos olhares pelas representações presenciadas dos sujeitos enaltecendo, assim, uma nova dimensão comportamental humana.

A configuração comparativa, significativa e simbólica que os cinemas Apollo (foto 1), Fox (foto 2), Capitólio (foto 3, foto 4) e Babilônia (foto 5, foto 6) proporcionaram aos frequentadores dirime-se diante de uma nova perspectiva voltada à construção cultural moderna que se refletia na estruturação arquitetônica, como também na concepção comportamental que a sala de cinema influenciava no cotidiano subjetivo e social pela ressignificação desse objeto no espaço-tempo vivido e percebido.



Foto 1: Cine teatro Apollo.

Fonte: Museu Histórico e Geográfico de Campina Grande.



Foto 2: Cine teatro Fox.

Fonte: Fabrício Lira Barbosa, 1999.



Foto 3: Imagem do Cine Teatro Capitólio na década de 1930.

Fonte: <http://cgretalhos.blogspot.com/2011/05/memoria-fotografica-antiga-igreja-do.html>.



Foto 4: Cinema Capitólio na década de 1990.

Fonte: <http://cgretalhos.blogspot.com/2009/11/cine-capitolio-anos-30.html>.



Foto 5: Cinema Babilônia na década de 1960.

Fonte: <http://cgretalhos.blogspot.com/2009/09/o-cinema-babilonia-foi-inaugurado-em.html>.



Foto 6: Cinema Babilônia atualmente.

Fonte: <http://cgretalhos.blogspot.com/2009/09/o-cinema-babilonia-foi-inaugurado-em.html>.

Lincon César Medeiros de Souza (2009) retrata a influência preponderante que fez com que o Apollo, Fox, Capitólio e Babilônia se tornassem fenômenos de grande significância simbólica no cotidiano comportamental de vários sujeitos, através do contexto espacial fomentador diário campinense onde

O cinema, ao fazer parte do cotidiano de Campina Grande, despertou o interesse dos moradores, modificando hábitos e dividindo opiniões quanto a sua importância. Não é exagero afirmar que a primeira mudança introduzida pelo cinema na sociedade foi no setor da diversão e do lazer (SOUZA, 2009, p. 34).

Percebe-se principalmente que a construção simbólica do cinema em Campina Grande voltada à significação enquanto objeto de divertimento e lazer se desenvolve no período inicial de consolidação na cidade (entre as décadas de 1910 e 1940) pela configuração ideal no tocante ao lazer cotidiano, onde a conseqüente influência da modernidade diante do contexto das inovações estruturadoras perceptíveis em todos os aspectos sociais tornou-se fundamental a notoriedade que esse objeto adquiriu através da sua influência marcante na vida de muitos sujeitos.

A influência e relevância dos cinemas diante da configuração dos aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais provenientes da modernidade proporcionaram mudanças nos comportamentos através das atitudes e valores onde a ideia de progresso cultural voltada a esses objetos simbólicos e outros transcenderam o contexto de formação de vários sujeitos nessa *urbs*.

A construção simbólica representada por intermédio dos cinemas campinenses trouxe uma série de modificações sociocomportamentais significativas acarretando, com isso, uma nova estruturação nas atitudes e valores perceptíveis, o que nos leva a refletir como esse objeto (re)configurou a prática espacial vivida e percebida dessa cidade tornando-se para muitos um lugar-símbolo diante da constituição de uma nova forma sentimental representativa da realidade espacial e temporal circundante.

É tocante perceber que a questão do espaço-tempo possui uma importância fundamental para que os cinemas adquirissem toda uma representatividade proporcional ao entendimento simbólico diante do seu impacto no cotidiano social, político, econômico e cultural estabelecido nessa cidade, afetando significativamente a realidade de alguns sujeitos.

A teia construtiva e representativa das significações simbólicas que os cinemas

campinenses trouxeram aos sujeitos através das várias funcionalidades, proporcionadas por eles no tocante a sua dinâmica funcional na formação socioespacial cultural presenciada nessa cidade no espaço-tempo vivido e percebido onde a construção de uma definição conceitual e simbólica na primeira metade do século XX frente aos princípios da modernidade.

A notoriedade de uma formação simbólica do cinema durante esse período, faz pensar na importância proporcionada por esse objeto, em que se destaca a sua notoriedade influenciadora nos ditames cotidianos apresentados na sociedade campinense refletidos e concretizados no espaço vivido e, essencialmente, nos lugares (trans)formadores da identidade dos sujeitos trazendo, com isso, uma série de concepções subjetivas desses objetos influenciando, de certa maneira, na configuração urbana presenciada em Campina Grande.

A perspectiva formativa de uma estrutura socioespacial através dos cinemas instalados nessa cidade tinha como viés a representação moralista e civilizatória que fosse condizente com os comportamentos, através das atitudes e dos valores, delineadores em que fosse proporcionada toda estruturação caracterizadora da vida social cotidiana moderna tendo os cinemas como instrumento mais adequado no espaço-tempo em questão (CABRAL FILHO, 2009, p. 177).

Percebe-se que no decorrer da história dos cinemas nessa cidade a construção, entendimento e significado da representatividade simbólica e significativa se passa diante de uma reestruturação nos moldes urbanos, sociais e culturais, que se demonstraram capazes de dimensionar novos comportamentos onde se demonstra a importância significativa que a modernidade sociocultural atribuída ao cinema em Campina Grande perante a sua representatividade simbólica no cotidiano dos sujeitos.

Para tanto, Severino Cabral Filho (2009, p. 50) destaca a peculiaridade na formação moderna da urbanização em Campina Grande voltada à instalação de novos objetos refletores de toda essa conjuntura social, política, econômica e cultural, que se destaca pela combinação característica e singular das multiestruturas que o velho e o novo delinearam fazendo com que surgisse um equilíbrio entre esses eixos propulsores da conjuntura humana.

A construção simbólica representada por intermédio dos cinemas campinenses trouxe uma série de modificações sociocomportamentais significativas destacando, com isso, uma nova estruturação nas atitudes e nos valores perceptíveis, o que nos leva a refletir como esse objeto (re)configurou a prática espacial vivida e percebida da população dessa cidade, tornando-se, para muitos, um lugar simbólico diante da formação de uma realidade subjetiva.

No entanto, os cinemas de Campina Grande podem se destacar diante da representação enquanto lugar a partir da perspectiva de interesse subjetivo diverso, onde se percebe situações significantes e de revelado simbolismo que enaltecem a caracterização do objeto em questão como um lugar geohumanística. Ainda mais se nota que a dinamicidade diante da diversidade humana que se fez perceber na relação para com as salas de cinema constituiu-se por sentimentos contrastantes voltados aos conteúdos enovelados pela representatividade dualista onde

[...] o cinema fez desencadear pelo menos duas formas de representações sobre o caráter do que era exibido nas telas: uma visão que glorificava o caráter pedagógico, na medida em que colocava os espectadores em contato com experiências vivenciadas em lugares distantes, fauna, flora, cidades, gentes, costumes até então desconhecidos; por outro lado, uma série de discursos moralistas colocou-o como algo capaz comprometer seriamente as relações dos homens com o sagrado (CABRAL FILHO, 2009, p. 178).

Ainda mais, Severino Cabral Filho (2009, p. 178) destaca que a situação de dualidade representativa dentro do construto comportamental percebido sobre os sujeitos através da condição de uma postura moralista e racionalista pela condição dos filmes exibidos e, também, da estrutura física relacionada ao conforto e higiene tornou-se uma das mais significantes proposições correlacionadas à representatividade simbólica desse objeto pelo contexto moderno de ascensão e progresso social, político, econômico e cultural que vivia Campina Grande com o comércio do algodão, onde se destaca a condição higiênica dos cinemas Apollo e Fox por Bezerra de Carvalho diante do surgimento de pulgas nessas duas salas de exibição em consequência do algodão que ficava armazenado na Rua Maciel Pinheiro que também estava localizado os respectivos cinemas, tornando-se desconfortante a frequência além da qualidade dos filmes e exibição e do comportamento de algumas pessoas durante a exibição dos filmes.

A organização do espaço geográfico campinense durante a reforma urbana de Vergniaud Wanderley trouxe à tona a problemática em torno do espaço e do lugar vivido e percebido diante da questão do comportamento do sujeito sobre as transformações advindas com essa reforma e o simbolismo metamorfoseado diante da eliminação e surgimento de novos símbolos que afetaram(am) a vida das pessoas rememorando e criando valores os mais diversos apreendidos nas atitudes apresentadas sobre as representações simbólicas.

É relevante ressaltar que situações diversas proporcionaram a contundência que esses objetos obtiveram, seja direcionado a qualquer perspectiva subjetiva resultando no decorrer do espaço-tempo vivido e percebido situações de significância simbólica. Para construir uma

observação sobre a visão nesse contexto formativo de comportamentos subjetivos destaca-se a argumentação de Yi-Fu Tuan (1983, 179–197) no decorrer da sua explicação sobre a influência da visibilidade na construção do lugar fundamentando-se sobre a questão diante da concepção subjetiva para a formação do objeto em um lugar-símbolo, tendo a relação entre o homem e a natureza através da cultura proporcionada toda essa conjuntura de compreensão espacial vivenciada pela diversidade experiencial humana diante do sentimento topofílico através da ligação afetiva que surge por essa situação.

No entanto, isso nos leva a perceber que a constituição de uma perspectiva representacional moralista e modernista contra os comportamentos subversivos tornou-se uma tese de grande discussão diante das posições contraditórias o que proporcionou no decorrer dos anos através das várias representações voltadas a prática social de uso dos cinemas dessa cidade uma marca decisiva na concepção de uma conjuntura simbólica no tocante a identificação proporcionada por esses objetos.

Um exemplo dessa caracterização fenomenológica é relatado por Severino Cabral Filho (2009, p. 179 – 180) onde ele destaca as posições de Epaminondas Câmara e Ronaldo Dinoá, em que o primeiro ressalta dentro das suas opiniões sobre a conduta moral, progressista e moderna para o uso desses objetos, enquanto o segundo realça o comportamento subversivo trazendo à tona toda a importância representativa, significativa e simbólica que caracterizou esses objetos no contexto espacial campinense.

O fato comum sobre a chegada dos cinemas foi o impacto causado no espaço vivido campinense, onde as novidades favoráveis ou não transformaram esses espaços pelas percepções, atitudes e valores que enquanto símbolos representaram na vida dos cidadãos dessa cidade reconfigurando toda a conjuntura socioespacial, onde, assim como destaca Milton Santos (1988, p. 98) “A chegada do novo causa um choque. Quando uma variável se introduz num lugar, ela muda as relações preexistentes e estabelece outras. Todo o lugar muda” formando, com isso, novas identidades.

É tocante perceber que a questão espaço-tempo possui uma importância fundamental para que os cinemas adquirissem toda uma representatividade proporcional a um símbolo perante o seu impacto no cotidiano social, político, econômico e cultural estabelecido nessa *urbs*, afetando significativamente a realidade de várias pessoas através das suas atitudes e valores onde, assim como coloca Souza (2002, p. 251),

Mais do que falar sobre estas manifestações ocorridas na hora da projeção propriamente dita, é preciso saber como os valores, símbolos e signos que marcaram o cinema entre as décadas de 40 e 60 entraram, se imiscuíram, modelaram, domaram, organizaram e, até, desorganizaram o dia-a-dia dos campinenses dos mais diferentes matizes sócio-econômicos.

Perante essa situação, nota-se que alguns aspectos imbuídos no espaço – tempo foram configuradores da representatividade simbólica o que leva a pensar como esse objeto modificou expressivamente a sociedade campinense.

A capacidade de unificação funcional que o cinema campinense possuía através da reunião de várias atividades tornou, diante desse fato, um lugar-símbolo de destacada representatividade onde a ficção e a realidade influenciaram significativamente na dinâmica socioespacial vivida e percebida.

Os cinemas foram e são lugares com conotação simbólica no espaço vivido da sociedade campinense sendo percebida em uma relevância pela conjuntura contextual passada e presente que se pauta nas representações surgidas no espaço-tempo como marcas do progresso cultural de Campina Grande. A utilização desse símbolo para diversas manifestações culturais (teatro, convenções políticas e partidárias, etc.) e econômicas mostra a multifacetada funcionalidade atribuída a esses objetos no decorrer de situações presenciadas na conjunção espacial dessa cidade, delineando os mais diversos sentimentos e comportamentos que se tornaram concretos através da significância representativa atribuída pelos sujeitos. Diante dessa configuração socioespacial, percebemos que alguns cinemas possuíam(em) ainda na concepção perceptiva, atitudinal e valorativa uma variada significância geossimbólica formadora de identidades e sentimentos diversos.

Percebe-se que o cinema diante da exibição de filmes e da sua grande notoriedade no espaço-tempo sociocultural em questão tornava-se algo norteador da construção cotidiana dos sujeitos, impactando simbolicamente na experiência das pessoas onde as atitudes e os valores percebidos direcionavam a uma construção afetiva e emotiva para com esse objeto direcionando a uma busca notória do sentimento topofílico.

A visão de estudo dentro de uma perspectiva geohumanística dos cinemas Apollo, Fox, Capitólio, Babilônia, Avenida (Foto 7), São José (Foto 8) e Multiplex 5 surge como um redimensionamento e expansão da ótica geográfica construindo novos vieses da relação humana

com o espaço vivido diante da subjetividade sobre o espaço-tempo em que

Para a geografia, o fato novo e dominante é o que se pode chamar de *maturidade histórica*, ou seja, o conjunto dos novos dados que a história do mundo impõe à disciplina. Para os geógrafos, profissionalmente preocupados com o espaço do homem, a nova situação é apaixonante. De um lado, seu campo de interesse se amplia, pois o espaço dito geográfico se torna, mais que nunca, elemento fundamental da aventura humana. De outro, a mundialização do espaço cria as condições – até aqui insuficientes – para estabelecer um corpo conceitual, um sistema de referência e uma epistemologia, recurso de trabalho que sempre faltou a essa disciplina e por isso estreitou seu campo de estudo ao longo deste século (SANTOS, 1988, p. 36)

fazendo com que essa ciência evolua e amplie o seu campo dimensional de trabalho.



Foto 7: Cine Avenida.

Fonte: Wills Leal, 2007.



Foto 8: cine São José em 1945.

Fonte: Museu Histórico e Geográfico de Campina Grande.

A influência dos cinemas em Campina Grande é e foi algo de relevância considerável na sociedade dessa cidade através das esferas social, política, econômica e cultural onde a significância identificada é correlacionada por muitos fenômenos relacionados a esses objetos. Consoante a essa situação, percebemos que foram decisivos para a vida de algumas pessoas em diversos momentos e situações construindo, assim, o sentido de lugar-símbolo no tocante a formação espacial da vivência percebida pelas várias representações manifestantes da cultura na modernidade e pós-modernidade revelando uma série complexa formativo-comportamental humana dos sujeitos para com esses lugares no espaço urbano em questão. Diante dessa situação, podemos notar assim como Costa (2008, p. 64) que

As representações culturais do espaço urbano e o cotidiano dos indivíduos e dos grupos sociais que constituíram a modernidade, e fazem parte agora da tão proclamada pós-modernidade, tornaram-se cruciais para o entendimento dos modos pelos quais nossas

vivências, comportamentos, identidades, subjetividades e práticas culturais vêm sendo constituídas, elaboradas e reelaboradas espacialmente.

A importância significativa que os cinemas de Campina Grande proporcionaram através da modernização sociocultural atribuída aos valores e atitudes percebidos pelos comportamentos diversos dos sujeitos destaca uma representatividade marcante através da formação geossimbólica no espaço vivido e percebido dessa cidade.

Diante dessa circunstância, o cinema nessa cidade em parte do século XX, proporcionou uma efusão notória na constituição sociocomportamental identificada pelas atitudes e valores que os sujeitos expunham através dos seus comportamentos ante a novidade que esse objeto trazia provocando uma espécie de condicionamento comportamental nas pessoas onde o enaltecer que esse elemento moderno trazia novas formas representativas da realidade associada à ficção, moldou novas perspectivas de percepção simbólica e significativa do espaço vivido e da formação de lugares transpostos a realidade social dos sujeitos que buscavam vivenciar o que se passava nos filmes.

A teia construtiva e representativa que as significações simbólicas proporcionadas pelos cinemas campinenses trouxeram aos sujeitos através das várias funcionalidades a que se atribuíram no tocante à dinâmica socioespacial de eventos que influenciou na conjuntura socioespacial e cultural presenciada nessa cidade no espaço-tempo vivido e percebido em questão.

A consequência da modernidade em Campina Grande diante da modificação socioespacial que os cinemas proporcionaram para os sujeitos e o reflexo diante da construção de novos lugares simbólicos compatíveis com os novos ditames do contexto social, político, econômico e cultural entre a representação relacional (des)estruturante entre o progresso e a decadência refletidas, mostra a identificação diante de uma perspectiva civilizadora que os cinemas campinenses proporcionaram durante a primeira metade do século XX como uma exemplificação da representatividade conceitual e simbólica desses objetos perante os princípios da modernidade.

A partir dessa notoriedade evidenciou-se uma construção simbólica do cinema campinense durante o período em destaque em que o espaço-tempo de vivência e percepção humana faz pensar na relevância significativa proporcionada por esse objeto em que se destaca a

sua notória influência nos ditames cotidianos apresentados na sociedade campinense refletidos e concretizados no espaço vivido e percebido e, principalmente, nos lugares (trans)formadores da identidade dos sujeitos trazendo, com isso, uma série de concepções subjetivas desses objetos influenciando, de certa maneira, na configuração urbana presenciada em Campina Grande.

A consequência da modernidade advinda com os cinemas dessa cidade foi a modificação socioespacial proporcionada aos sujeitos e, com isso, o reflexo diante da construção de novos lugares simbólicos compatíveis com os novos ditames desse contexto social, político, econômico e cultural entre a representação (des)estruturante da decadência/progresso até então.

O surgimento dos cines teatro Capitólio e Babilônia são dois exemplos da representação dessa situação vivenciada e perceptível no espaço social campinense trazendo, por conseguinte, o surgimento de novos significados e símbolos condizentes ao contexto de influência da modernidade.

O cinema campinense, diante desse contexto de transformação advindo desde o início do século XX até a década de 1960, se destaca por uma modificação no espaço e lugar vivido influenciando o comportamento dos seus habitantes através da adoção de novas atitudes e valores em relação ao meio influenciador e influenciado de vivência em uma década de intensas transformações no contexto local e global da sociedade campinense.

Diante disso, Silva (2000, p.104) comenta que as

Novas práticas do espaço bastante convidativas para os homens e mulheres campinenses, sacudiram a vida social da cidade, destacando-se entre elas, o cinema. Na década de 60 Campina Grande contava com 04 cinemas, sejam eles: Capitólio, Babilônia, Avenida e São José.

A profunda transformação das atitudes e dos valores diante das percepções subjetivas representadas mostra uma nova virtude de Campina Grande a diversidade cultural diante de novas representações sociais na construção de símbolos mais acessíveis posto que,

O trono de ‘*urbs*’ cultural, título este conquistado pela Rainha da Borborema, na era da revolução dos costumes, deu passagem a uma nova sensibilidade, a novos códigos comportamentais, sobretudo a novos desejos e projetos existenciais. O cinema, ou melhor, o chamado ‘Portal Encantado’, expressão esta utilizada por uma mulher campinense freqüentadora assídua desse espaço urbano incentivador de fantasias, sonhos, desejos, e jogos de sedução, conduziu homens e mulheres campinenses a uma outra dimensão (SILVA, 2000, p. 104)

resultando em metamorfoses no espaço e lugar vivido pela profunda incorporação de novas práticas formadoras de identidades culturais como o cinema, a exemplo do Capitólio, Babilônia e São José.

Percebemos pelo relato de Eliete Queiroz Gurjão todo o impacto que o “Portal Encantado” através da sua simbologia representou na formação identitária para com o lugar na percepção das atitudes e valores experienciados que marcaram a vida dessa pessoa e de outras sobrepondo outros meios de comunicação, como a televisão. O cinema destacava-se bem como

o verdadeiro especulador de sentidos na vida dos homens e mulheres campinenses, que deslumbrados com o seu poder mágico construía novos territórios afetivos, portanto novas imagens de homem, de mulher, e de relações de gênero. *As estratégias de sedução das mulheres que freqüentavam o cinema, revelaram códigos de paquera e de namoro mais livres dos resquícios de uma cultura patriarcal. A mulher já se assumia como facilitadora do processo de sedução, deixando a cadeira vazia para que o seu pretendente se sentasse ao seu lado. Quando surgia clima para o namoro, os encontros já não se restringiam às paredes das casas dos seus genitores, uma vez que estes se realizavam com freqüência neste cenário encantado e fascinante, provocador de novas pulsações e de trocas relacionais mais íntimas,* portanto, livres dos olhares disciplinantes (sic) do ambiente doméstico (SILVA, 2000, p. 105, grifo nosso)

formando o comportamento dos sujeitos que o frequentavam no que tange a admiração representada por esse símbolo na vida das pessoas no espaço vivido e percebido pela concretização do lugar na formação de intimidade para com o lugar.

O cinema se transformou em um símbolo de liberdade amorosa por se tornar um lugar onde as transformações atitudinais e valorativas foram profundas, o que demonstra uma mudança radical nas percepções e nos comportamentos das mulheres, dando o *status* ao cinema de um lugar identificado com a liberdade feminina.

As representações que os símbolos formam no espaço vivido campinense que se concretizam na construção perceptiva de atitudes e valores ambíguos e contraditórios surgem como uma perspectiva de entender os significados desses lugares simbólicos no espaço-tempo passado e presente em que na atualidade

Às vésperas do terceiro milênio, falar em patrimônio histórico, memória, história, é polemizar palavras de amplos sentidos e múltiplos espaços, porque saem e palpitam da sensibilidade humana.

O patrimônio histórico evoca imagens de um passado vivo, acontecimentos ou coisas que merecem ser preservadas como pertencentes à coletividade e significantes em sua diversidade histórica (AMORIM, 2000, p.140).

Campina Grande, diante dessa questão, dentro do espaço geográfico na busca da preservação de alguns símbolos deixa parte da sua identidade, representada por alguns dos seus sujeitos, diante desses símbolos como

[...] a de uma cidade reconhecidamente hostil à memória, tendência que se aprofundou através dos anos, adquirindo conotações singulares, pois esqueceu que a história de uma urbe se constrói também, através da memória para poder se compor um patrimônio cultural, uma verdade humana viva, dinâmica, relativa e nunca acaba (AMORIM, 2000, p. 140-141)

por razões as mais diversas que não justificam “apagar” os lugares-símbolo no espaço vivido de sua formação geohistórica transtemporal na formação de experiências em que_“Pensar numa cidade é senti-la como construção de muitos sujeitos históricos que, com sus valores e experiências, instituíram marcas, monumentos e formas de memórias históricas atuando nas maneiras, nos usos, direitos para não serem esquecidos” (AMORIM, 2000, p. 141) para, com isso, demonstrar a concepção topofílica que o espaço abstrato e o lugar concreto representam(ram) na formação geohumanística dos sujeitos.

Percebemos o quão relevante são os lugares-símbolo na vida dos sujeitos ante as metamorfoses que o espaço e o lugar geográfico-humanístico sofrem pela forma que

o imaginário em suas constantes representações, na leitura de suas ruas, suas praças, igrejas, bares e cafês, cinemas e teatro, edifícios e clubes, de sua gente e, até, de seus monumentos destruídos. Sua vivência está inserida em cada um desses lugares que criam textos, constroem memórias para se perpetuarem na imagem urbana com propostas e projetos que configuram o espaço urbano, penetrando no imaginário pessoal e coletivo (AMORIM, 2000, p. 141)

o que demonstra a importância dos lugares simbólicos na construção significativa da identidade humana no espaço vivido e percebido.

Uma das situações relacionais de formação simbólica do cinema, significativa e marcante que os sujeitos formaram(am) para com os cinemas de Campina Grande é a constituição arquitetônica por eles apresentada onde, de certa maneira, representou (a) uma influência no comportamento pelas atitudes e valores atribuídos através da experiência vivenciada no cotidiano para com esse objeto transformando-o em algo identificável na sua vida no contexto espacial vivido e percebido.

Essa situação é perceptível diante das diversas visões percebidas nas experiências urbanas

dos sujeitos no contexto histórico influenciado pela modernidade social, política e econômica que deu ênfase a caracterização arquitetônica sofrida pelos cinemas campinenses, desde o Apollo até o Multiplex 5, tendo influência representativa na (trans)formação espacial onde, assim como destaca Costa (2008, p. 65)

Acompanhando a história do seu desenvolvimento, vemos que o cinema, enquanto meio de produção do espaço, sempre definiu a si mesmo tanto como uma prática arquitetônica, quanto como uma prática urbana – uma arte das ruas, um agente de construção de vistas urbanas, constantemente reinventando o espaço.

A modernização em todos os aspectos culturais que a humanidade vem passando afeta de forma significativa a perspectiva representativa do lugar no espaço vivido onde o conflito subjetivo gerado entre o velho (a memória) e o novo (o moderno) reflete sérias discussões acerca do que os lugares-símbolo (permanentes) podem proporcionar em uma sociedade através da sua permanência ou desaparecimento pela sua destruição ou ressignificação, onde “Os lugares permanentes, que são muito poucos no mundo, advertem a humanidade. A maioria dos monumentos não pode sobreviver à decadência de sua cultura” (TUAN, 1983, p.182). Esse fato faz com que se perceba a importância que os lugares-símbolo possuem diante da sua preservação permanente para o conhecimento da história de uma sociedade.

Pensar a cidade diante de uma idealização simbólica e significativa no tocante a dinâmica espaço-temporal vivida e percebida que se mostra nos vários objetos denotados por essa caracterização, a exemplo dos cinemas, é fundamental para o entendimento de como os sujeitos se comportam diante dessa representação simbólica adquirida por um objeto onde a aceitação passiva ou ativa o torna legítima trazendo, a partir dessa situação uma série de modificações e inovações nas atitudes e nos valores perceptíveis no comportamento das pessoas.

A personificação simbólica e topofílica que os cinemas de Campina Grande adquiriram remontam a pessoas que fizeram parte da representatividade histórica desses lugares na concretização de uma série de sentimentos subjetivos formadores de atitudes e valores correspondentes a identificação para com esses objetos, dando-lhes notoriedade para o entendimento da influência deles no cotidiano dessa cidade. Para tanto, observamos em uma série de entrevistas que trazem à tona essa representação dos principais cinemas na vida de pessoas com essa caracterização.

Em entrevista concedida a Ronaldo Dinoá (1993, p. 525 – 530) José Henrique Pereira,

vulgo Zé Porteiro, que trabalhou como porteiro (receptor dos ingressos) em três grandes cinemas da cidade (Fox, Apollo e Capitólio), reflete toda essa representatividade personificada e simbólica do cinema em Campina Grande.

A formatação da personalidade e do simbolismo dos cinemas campinenses no espaço-tempo vivido e percebido através da caracterização dessa situação na formação do pensamento e sentimento humano por um viés topofílico remonta a reflexão proporcionada por lembranças onde a memória, diante do pensamento acerca da formação comportamental das atitudes e dos valores concretizados nesses lugares simbólicos sobre a experiência cotidiana vivida e percebida torna-se preponderante a uma virtuosidade significativa do sujeito para com os cinemas.

Ronaldo Dinoá, em comentário sobre a entrevista, mostra a virtuosidade de “Zé Porteiro” diante da construção representativa e simbólica que o Fox, Apollo e Capitólio possuíam no cotidiano vivido e percebido através de uma rica experiência caracterizadora de subsídios primordiais ao entendimento espaço-temporal desses objetos na configuração comportamental dos sujeitos que ali frequentavam e nos seus diversos usos onde

No decorrer de tanto tempo, testemunhou bastante coisa, desde a encenação de peças teatrais até a presença de personalidades destacadas nos mais variados setores da sociedade brasileira. E as mudanças de lugar de certos frequentadores (sic) durante as exhibições? Este é um capítulo a parte que Zé Porteiro faz questão de conservar com muito bom humor (DINOÁ, 1993, p. 525).

A situação experienciada por essa pessoa no decorrer dos anos de vivência e experiência adquirida na vida cotidiana delineia um olhar sobre a dinâmica socioespacial que Campina Grande passou diante das reformas estruturais ocorridas e o avanço dessas modificações para modernizar a cidade. Porém, os problemas diante da modernização no tocante a preservação de lugares-símbolo que refletiram decisivamente na formação social e comportamental, como é o caso dos cinemas, dos sujeitos e que Zé Porteiro com uma observação entoa a relevância desses objetos perante essa circunstância no transcorrer de sua experiência de vida.

A trajetória como funcionário do Fox, Apollo e Capitólio, principalmente, mostra todo um aparato experiencial e cotidiano vivido e percebido de uma formação socioespacial significativamente relevante diante da construção de um conhecimento memorável de 45 anos de trabalho, acompanhando a repercussão que esses cinemas proporcionaram a cidade através de várias situações funcionais recorrentes a práticas sociais concernentes ou não aos costumes da

época que tornaram esses objetos símbolos de uma sociedade subjetivamente dinâmica e diversa diante das percepções, atitudes e valores apresentados no decorrer dos anos mostrando o quão notório e significativo foram esses objetos modernos na formação comportamental, afetiva e simbólica dos sujeitos onde podemos destacar, como o próprio Zé Porteiro relatou a Ronaldo Dinoá (1993, p. 529) no seguinte trecho:

RD – O senhor, durante esses 45 anos de profissão, teve alguma mágoa? A profissão de porteiro de cinema era humilhante?

ZP – Não, eu nunca tive mágoa de ninguém na minha vida. Quanto a (sic) profissão de porteiro, nunca tive o que reclamar [...] Na portaria do cinema Capitólio, só fiz amigos [...] Tive no Capitólio um grande amigo, que é seu Lívio, que sempre me prestigiou quando eu trabalhava naquela casa. Seu Lívio, para mim, não foi somente um patrão, posso dizer que foi o maior amigo que tive na minha vida, sem desmerecer os demais.

Percebe-se, também, que várias situações cotidianas ocorridas nesses cinemas em que Zé Porteiro trabalhou trouxeram uma riqueza de conhecimentos diante da conjuntura socioespacial de atuação dos sujeitos a partir dos seus comportamentos através das atitudes e dos valores expressados tornou-se algo significativo e que resultou em uma ênfase delineadora de uma construção simbólica detalhada por uma identificação que vai além do exercício profissional onde o seu pensamento e o sentimento experienciado conduz ao entendimento e significado que um objeto pode adquirir na vida de uma pessoa tornando-se símbolo de uma representação viva da sociedade campinense.

Através de uma orientação pela perspectiva topofílica surge toda uma representatividade característica que remonta a compreensão de como esses lugares simbólicos no contexto espacial de vivência e percepção campinense foram fontes preponderantes na configuração comportamental pelas atitudes e valores que os sujeitos exprimiram diante da ligação afetiva por uma determinada situação que se torna concreto o sentimento perspectivo em questão trazendo, com isso, representações diversas e complexas de afetividade perante esses objetos que tiveram influência marcante em várias vidas.

É de grande valia a percepção significativa que o cinema proporcionou diante das várias situações positivas, na sua maioria, e também negativas que fundamentam toda uma construção significativa na vida de Zé Porteiro onde diante do seu relato vê-se como a riqueza de uma formação humana diante da experiência adquirida trás uma notória representação que o Fox,

Apollo e o Capitólio proporcionaram a sua vida e de outros sujeitos tornando-se um marco na trajetória de formação comportamental humana.

A modernidade que a tecnologia, a ciência e a informação trouxe com a implantação da sala de cinema em Campina Grande, no início do século XX até meados do século XXI, mostra toda uma representação contextual, significativa e, acima de tudo, simbólica desse objeto na (trans)formação dos comportamentos através das atitudes e dos valores apresentados pelos sujeitos na formação identitária no contexto espacial humanístico.

A preservação dos lugares simbólicos que foram e são reconhecidamente significativos no conhecimento humano e cultural campinense para as várias gerações e pessoas gentis ou que aqui fixaram residência é algo a ser destacado diante da realização progressiva do avanço demolidor da história local.

O fenômeno produzido no espaço vivido, formador de um símbolo, com a subjetividade de significados na formação de lugares representativos marcantes mostra uma série de questões no processo histórico de surgimento, consolidação e decadência dos cinemas Apollo, Fox, Capitólio, Babilônia, São José e Avenida diante dos fatores semelhantes e particulares.

A percepção diante da arquitetura que alguns cinemas campinenses apresentam é de relevância para entender mais um aspecto estruturante de formação da concepção simbólica deles para com alguns sujeitos através da importância do conhecimento geográfico e histórico que essas construções trazem nas suas estruturas remontando a uma leitura dessa influência na cultura local pela sua escala de representatividade no espaço vivido e percebido. É possível perceber na trajetória sociocultural e geohistórica dos cinemas em Campina Grande a caracterização arquitetônica diante do contexto influenciador moderno e pós-moderno tornou-se parte significativa para parte de um entendimento de toda uma constituição comportamental pelas atitudes e os valores que moldaram práticas sociais diante desses objetos onde a arte cinematográfica também influencia(va) decisivamente demonstrando que “A arte e a arquitetura buscam visibilidade. São tentativas de dar forma sensível aos estados de espírito, sentimentos e ritmos de vida diária. A maioria dos lugares não são criações deliberadas, pois são construídas para satisfazer necessidades práticas” (TUAN, 1983, p. 184).

Diante disso, percebemos que “A história da produção de um fato desencadeia um processo bem mais abrangente, que insere o fenômeno em contextos cada vez mais amplos” (SANTOS, 1988, p. 58). A formação vai além da maquiagem aparente de uma forma superficial,

o geógrafo humanístico deve buscar todas as atitudes, valores e percepções dos sujeitos diante das representatividades atribuídas aos símbolos pelas várias relações formadas no contexto histórico da analogia do fato com o fenômeno espacial em que

É só através dessa relação que não nos enganamos diante das coisas que têm a mesma aparência. Cada pessoa, cada objeto, cada relação é um processo histórico. Dessa maneira, conseguimos compreender como nossa disciplina estuda as relações, que se dão através dos objetos. Há uma interdependência entre os objetos e as relações (SANTOS, 1988, p. 58).

O que se percebe é que os lugares vividos e percebidos no contexto maior do espaço tornam-se diferentes diante da distinção variável que os lugares possuem, mesmo tendo a mesma funcionalidade por razões naturais ou, especificadamente, sociais, culturais, políticas e econômicas. Milton Santos mostra essa situação quando ressalta que

Mas nenhum lugar pode acolher nem todas nem as mesmas variáveis, nem os mesmos elementos nem as mesmas combinações. Por isso, cada lugar é singular, e uma situação não é semelhante a qualquer outra. Cada lugar combina de maneira particular variáveis que podem, muitas vezes, ser comuns a vários lugares (SANTOS, 1988, p. 58).

Diante de que o fato estudado no âmbito geohumanística busca a necessidade de formação teórica estruturada em categorias gerais da Geografia (espaço e lugar) e específica em torno em torno de uma concepção mais detalhada do elemento humano diante da construção de significados para os lugares simbólicos representados na subjetividade humana do espaço-tempo geral e específico, vivido e percebido através das informações as mais diversas possíveis encontradas, percebe-se que

A teorização depende de um esforço de generalização e de um esforço de individualização. A generalização nos dá a listagem das possibilidades; a individualização nos indica como, em cada lugar, algumas dessas possibilidades se combinam.

Apenas a partir do momento no qual a informação torna-se imediata, é que podemos construir a teoria na ciência geográfica. [...] O que prejudica é que não conhecemos o fato em si, mas as interpretações que são realizadas [...] Por isso há necessidade, por parte do intelectual, de ler não apenas uma, mas as várias versões sobre um fato, para que possa ter uma outra visão do mundo, uma visão real dos fatos concretos, já que o mundo pode ser visto com muitas lentes distintas (SANTOS, 1988, p. 58- 59)

aonde a subjetividade e o olhar reflexivo e crítico devem prevalecer na leitura dos fatos

estudados.

Diante disso, o patrimônio histórico na dinâmica do espaço vivido acerca das atitudes e dos valores subjetivos forma comportamentos e sentimentos favoráveis à prática preservativa sendo percebida através do entoar subjetivo e parcialmente coletivo onde a conduta das pessoas mostra a importância dos lugares-símbolo na formação geossimbólica passada e presente perante os fenômenos sociais, políticos, econômicos e culturais em que se concretizam(ram) parte fundamental da história contemporânea de Campina Grande como uma cidade dinâmica e diversa.

No entanto, um dos grandes problemas referentes aos cinemas de Campina Grande é a decadência ocorrida com as mudanças socioculturais o que gerou dissonâncias comportamentais perceptíveis nas atitudes e nos valores de alguns sujeitos para com esses objetos demonstrando situações de abandono e uso descaracterizado da sua originalidade podendo gerar o fim da importância enquanto lugar-símbolo e deixar somente na memória e/ou em imagens fotográficas e de vídeos a sua lembrança.

A situação de marginalização e descaracterização espacial ocorrida com os cinemas de Campina Grande mostra uma série de fenômenos característicos da modificação socioespacial diante do exercício dessa prática social a exemplo do avanço da modernidade tecnológica relacionada à exibição de filmes por outros aparelhos como o VHS e o DVD na comodidade do lar e também a configuração de comportamentos destoantes que acabam por tornar a história espaço-temporal desses objetos irrelevante o que resulta na desconstrução significativa e simbólica dos objetos que tiveram e ainda possuem representatividade, significância e simbolismo na vida de muitos sujeitos.

A construção de novos significados dentro do contexto pós-moderno sobre a sala de cinema dirime-se em uma perspectiva da perda de significância simbólica, principalmente voltada a comportamentos com conotação topofílica, onde os sujeitos diante da desvalorização sociocultural das salas exibidoras de filmes em Campina Grande refletidas no descaso e/ou inutilização inadequada perdendo, assim, a identidade formadora de muitas atitudes e valores subjetivos.

Para tanto, é propositivo destacar que “Os lugares permanentes, que são muito poucos no mundo, advertem a humanidade. A maioria dos monumentos não pode sobreviver à decadência de sua cultura” (TUAN, 1983, p. 182) o que acarreta problemas diante da importância que essas

salas cinematográficas adquiriram com a sua história no espaço-tempo passado e presente desconstruindo identidades e por consequência “[...] perdem seu status como lugar e simplesmente obstruem o espaço” (TUAN, 1983, p. 182).

Toda essa conjuntura espaço-temporal dos cinemas campinenses diante da sua geohistória de significância simbólica e construtora de identidades, passando pelo descaso através da perda de importância correlacionada a estruturação acerca do (re)conhecimento geossimbólico diante dos fatores destacados, trás à tona uma complexa configuração subjetiva sobre a representatividade espacial que um objeto produz no cotidiano dos sujeitos pela importância sentimental e afetiva voltada a compreensão da Topofilia através da simbolização dirimida e percebida nas percepções, atitudes e valores em que será destacado acerca do Apolo, Fox, Capitólio e Babilônia.

2.1. O APOLLO E O FOX: o início da representatividade simbólica do cinema em Campina Grande-PB.

O cine teatro Apollo, logo depois denominado “Cine Para Todos”, e o Cine Fox, pejorativamente denominado de “Cine Pulga”, pela condição econômica dos seus frequentadores em relação ao Apollo, estão dentro do contexto representativo desse marco inicialmente pelo aspecto do moderno em Campina Grande, trazendo modificações significativas na conjuntura do espaço vivido e dos lugares através da formação de novas percepções, atitudes e valores dos sujeitos ante o reflexo comum advindo da modernidade por uma de suas representações: o cinema. Essas duas salas de exibição de filmes iniciaram uma nova forma de interação social em Campina Grande em que se “[...] consolidavam um vasto campo de conhecimentos, pois proporcionavam à platéia, reações de alegrias e tristezas; euforia e encanto. Serviam de estímulo ao intelecto, à comunicabilidade; eram espaços de numerosas fantasias...” (AMORIM, 2000, p.150).

O Apollo e o Fox proporcionaram diversas representações significativas e simbólicas na construção identitária dos sujeitos diante do contexto socioespacial campinense atribuindo concepções significantes a utilização desses objetos pela configuração que a sociedade mostrava perante esses símbolos tornando – se notória a formação de uma afetividade humana.

O surgimento do Apollo (Cine Para Todos) remonta ao dia 26 de Maio do ano de 1912, esse cinema (cine teatro) foi o primeiro da cidade a possuir um ponto fixo, na localidade onde estava já situado, o “Comércio Novo”, sendo de propriedade de L. Fernandes & Cia na Rua Marques do Herval através da construção de um prédio para o exercício dessa atividade social e que a partir dessa construção a exibição regular de filmes foi possível no município de Campina Grande. No tocante ao seu funcionamento, o Apollo exibia filmes mudos e apresentações teatrais de várias localidades. No ano de 1933, com o Fox em funcionamento, inaugurou o cinema falado na cidade com a aquisição do primeiro aparelho sonoro (AMORIM, 2000) trazendo com essa inovação uma melhoria na qualidade técnica como, também, na afinidade atrativa representacional que advenho com essa novidade.

Uma outra situação que remonta a fundação do Apollo é colocada por Ronaldo Dinoá ao entrevistar João Dantas (1993, p. 452) onde destaca que esse cine-teatro teve início no ano de 1914 através de uma iniciativa de personalidades campinenses para a construção de um teatro com o objetivo de desenvolver atividades culturais voltadas a esse fim para, com isso, tornar

viável a produção artística e teatral em Campina Grande.

Diante disso, percebe-se que a estrutura física e organizacional do Apollo apresentada no início era voltada a exibição de peças que tiveram uma grande notoriedade significativa proporcionada por esse teatro nos anos de 1920 onde segundo João Dantas:

O Apollo teve na sua década de 1920 o seu grande apogeu. Suas promoções atraíram a todos os campinenses. O zelo e o carinho dos que faziam teatro em Campina Grande, garantiam o absoluto sucesso das encenações. Os atores escolhidos para os espetáculos passavam por um processo seletivo dos mais rígidos. Os Guarda-roupas e cenários eram artesanalmente desenvolvidos de uma forma técnica que competiria com os que hoje utilizamos. A parte musical dos espetáculos ficava aos cuidados do talentoso maestro Adauto Belo; Lino Fernandes de Azevedo era responsável pelas produções da maior parte das peças encenadas, ficando ao seu encargo, também, a escolha de textos de autores nacionais e estrangeiros.

Essa circunstância remonta a relevante notabilidade que esse cine – teatro possuiu e possui enquanto formador de uma consciência cultural e artística que o notabilizou na sociedade campinense.

Porém, o Apollo no seu início, era um cine teatro voltado à elite campinense diante dos aspectos sociais apresentados tanto na exibição de filmes quanto na apresentação teatral, onde a classe teatral buscou nesse espaço apresentar os espetáculos teatrais e os filmes diante da preocupação de ter uma área para o lazer e divertimento dessa classe que segundo Dinoá (1993, p. 454) através de entrevista a João Dantas “O Teatro Apollo era freqüentado pela classe artística campinense, principalmente os amantes da arte cênica. Para aquela casa de espetáculos se dirigia toda a sociedade campinense (elite)¹ que tinha naquela casa de cultura a melhor opção para as suas noites de lazer-cultural (sic)”.

Percebe-se, por esse comentário, que o Apollo no seu início era uma espécie de lugar-símbolo voltado a um grupo seletivo de onde se configura uma relação espaço-tempo em que a representatividade socioespacial da sala de cinema em Campina Grande era caracterizada pela notória formação de diferenças classistas coerentes à determinada prática social.

Diversas situações representacionais marcaram o simbolismo e a significância que o Apollo construiu na vida de várias pessoas inseridas dentro de um contexto de mudanças de comportamentos através das atitudes e dos valores dos sujeitos para com a novidade que o

¹ A sociedade em questão era a classe elitizada de Campina Grande diante dos custos dos ingressos que tinha por propósito proporcionar toda uma concepção de uso civilizatório e voltado às boas práticas do contexto moderno.

cinema proporcionava. No transcorrer da entrevista, João Dantas relata alguns eventos teatrais (peças de produtores locais e de outras localidades) apresentados por pessoas e companhias durante os anos de 1920 que proporcionaram uma grande notoriedade simbólica a esse teatro. Podemos destacar diante desses fatos que

O Teatro Apollo teve como período áureo o início da década de 20 com a apresentação de peças teatrais, revistas e musicais, que levaram a sociedade campinense a frequentá-lo em massa ao ponto de Campina Grande não passar um mês sequer, sem que houvesse uma grande encenação (1993, p. 453).

João Dantas remonta a aspectos da significância e simbolismo que o Apollo possui dentro do contexto socioespacial campinense onde se percebe que a memória através de fatos que marcaram a representação desse cine teatro na vida de muitos sujeitos nessa cidade deve ser preservada onde a sua motivação em buscar esse objetivo destaca a procura de pessoas e objetos que mostrem a geohistória desse cine-teatro através da sua importância na formação cultural e política de Campina Grande diante do seu destaque e relevância apresentados no passado e no presente. Um fato de grande notoriedade para João Dantas (1993, p. 456) onde se percebe o enaltecer desse cine-teatro foi a realização da peça "A Ceia dos Cardeais" que no ano de 1925, período de apogeu do Apollo, trouxe uma significância cultural de grande vulto a esse objeto tornando-o ainda mais importante para a geohistória de Campina Grande e outra situação de destaque é o fato de antes do surgimento do Apollo ocorria dificuldades para a realização da produção teatral e cultural de uma forma geral mostrando a relevância desse cinema e teatro para Campina Grande construindo uma nova representação simbólica e significativa.

Percebe-se, ainda mais, a importância simbólica que o Apollo possui através do relato que João Dantas concede a Ronaldo Dinoá onde se destacar a busca pelo tombamento e revitalização do Apollo todo o apoio e favorecimento que recebeu de pessoas locais que reconhecem o simbolismo desse cine teatro para o desenvolvimento sociocultural campinense através das peças teatrais exibidas e dos filmes remontando a uma perspectiva sentimental topofílica através da formação de uma consciência revigorante desse objeto na (trans)formação significativa proporcionada na vida social de muitos sujeitos que criaram um vínculo afetivo para com esse lugar.

No ano de 1918, como alternativa a população menos favorecida, foi inaugurado o Cine Fox por Alberto Saldanha e Américo Porto. O Fox destacava-se pela exibição de seriados e

filmes de faroeste com a companhia da orquestra da família Capiba percebendo-se uma afetividade das pessoas para com esse lugar no espaço vivido campinense em que

[...] cenas dos ‘Cavaleiros da Lua’, ‘Sinete de Satanás’, ‘Moeda Quebrada’ e tantas outras acompanhadas no Cine Fox, pela orquestra da família Capiba... As músicas eram adequadas às cenas dos filmes... Nas noites das fitas em série, o cinema ficava completamente lotado, os aplausos dos espectadores eram ensurdecedores... (MORAES, 1985, p.38).

Souza (2002) também destaca essa situação a partir da perspectiva das crianças, dos homens adultos diante de todo enaltecimento sentimental e de afetividade proporcionada pelos filmes através das proezas e belezas que os artistas proporcionavam aos espectadores tornando-se parte integrante de uma construção simbólica desse cinema proveniente de um sentimento topofílico para com esse lugar o que nos remonta perceber o quanto significativo foi esse objeto na vida de muitos sujeitos.

Percebemos que essa configuração topofílica surge da expectativa experienciada pelo novo, desconhecido, o que forma uma série de comportamentos diversos na construção perceptiva das atitudes e dos valores atribuídos pelos sujeitos que se identificavam para com esse cinema.

Alguns aspectos importantes que o Fox possuía através da sua funcionalidade no contexto espacial e temporal das três primeiras décadas do século XX em Campina Grande construiu uma representação significativa e simbólica que marcou decisivamente a trajetória de alguns sujeitos diante dos comportamentos apresentados dentro e fora desse cinema consoante a vivência cotidiana onde as pessoas dirimiram aspectos comportamentais influenciados por essa sala de exibição de filmes e de outras características marcantes.

A modelação que o Fox proporcionou através das novas atitudes e valores percebidas nos seus frequentadores faz-se perceber o quanto significativo esse objeto se tornou no cotidiano de Campina Grande trazendo consigo uma série de situações reflexivas dos procedimentos sociais e comportamentais que capacitaram a formação de identidades consoante a um sentimento topofílico.

Podemos destacar na crônica “O CINE-FOX” (1985) de Antônio Pereira de Moraes a representatividade simbólica e construtiva do sentimento topofílico acerca da formação comportamental humana da criança experienciada pela sua vivência nesse cinema, diante das

várias influências sofridas no espaço-tempo vivido e percebido.

A construção do conhecimento do lugar é percebida pela descrição dos caracteres principais que o formavam enquanto símbolo representativo na vida dessa pessoa, como os filmes mais importantes na concepção do autor, a orquestra que acompanhava os filmes (na época mudos) realçando os sentimentos de expectativa e euforia dos frequentadores, a divisão configurada dos assentos do Cine Fox em classes e as respectivas entradas entre outros elementos organizacionais que concretizaram o sentido e o significado para o entendimento desse lugar pela formação da experiência desse sujeito no espaço-tempo vivido e percebido através de uma constituição afetiva e emocional representativa e simbólica o que nos demonstra como a relação conjuntural do espaço vivido, lugar-símbolo e da experiência acabam por fomentar atitudes e valores favoráveis que mostra como

[...] a criança é o pai do homem, e as categorias perceptivas do adulto são de vez em quando impregnadas de emoções que procedem das primeiras experiências. Estes momentos do passado, carregados de emoção, às vezes são captados pelos poetas. Como instantâneos naturais extraídos do álbum de família, as suas palavras nos lembram uma inocência e um temor perdidos, uma proximidade de experiência que ainda não sofreu (ou se beneficiou) do distanciamento do pensamento reflexivo (TUAN, 1983, p. 23).

É extremamente relevante ressaltar como a influência do filme contribui na significação simbólica atribuída ao Cine Fox, onde se percebe como diante da experiência vivenciada ao assisti-lo transcendia aquele lugar por uma perspectiva comportamental e sensitivo-perceptiva onde “As emoções dão colorido a toda experiência humana, incluindo os níveis mais altos do pensamento. [...]. O pensamento dá colorido a toda experiência humana, incluindo as sensações primárias de calor e frio, prazer e dor” (TUAN, 1983, p. 9) e que nos mostra como

O sentimento humano não é uma sucessão de sensações distintas; mais precisamente a memória e a intuição são capazes de produzir impactos sensoriais no cambiante fluxo da experiência, de modo que poderíamos falar de uma vida do sentimento como falamos de uma vida do pensamento (TUAN, 1983, p.11).

Antonio Pereira de Moraes ao retratar a sua vivência cotidiana experienciada no Cine Fox acaba por nos mostrar que a relação pela qual o sujeito constrói entre a emoção e o pensamento resulta na formação de uma estrutura comportamental fundamental para a compreensão do lugar como símbolo marcante de uma vida diante da capacidade fascinante que o Cine Fox produzia no

seu olhar de criança e adulto.

Uma outra situação que denota a relevância simbólica do Fox é o relato de Lourenço da Fonseca Barbosa e Cristino Pimentel a Ronaldo Dinoá (1993, p. 161) em que o Lourenço (que é um representante da família Capiba) ressalta a importância do Cine Fox, na década de 1920, para a sua carreira musical entre outras situações que o simbolizaram junto com a sua família na história dessa cidade, podendo destacar diante desse fenômeno uma representatividade de grande significância que o lugar possui na formação social do sujeito.

O Apollo e o Fox se delinearão através de representações significativas e simbólicas na construção identitária dos sujeitos diante do contexto socioespacial campinense atribuindo concepções notórias a utilização deles pela configuração espacial e temporal da época em questão (década de 1910 até meados da década de 1930) perante a formação simbólica desses lugares mostrando a formação de uma afetividade humana fervorosa. Pode-se destacar um breve relato de Pedro D’Aragão a Ronaldo Dinoá (1993, p. 85) em que se destaca a representatividade desses cinemas na sociedade campinense através do tipo de pessoas que frequentavam cada um e do uso do recurso musical para tornar o prazer de assistir a um filme mais agradável criando, com isso, um vínculo significativo e simbólico fomentado nas lembranças.

A decadência do Apollo na visão de João Dantas (*apud* DINOÁ, 1993, p.453) pode ser atribuída à expansão comercial e urbana passada por Campina Grande na década de 1930 onde a expansão do comércio algodoeiro foi parte significativa para a decadência desse lugar diante das manifestações artísticas e culturais que eram realizadas na cidade tornando-o obsoleto para uma nova estruturação socioespacial que se delineava nos moldes do espaço-tempo em questão. Mas, também muito se deve a decadência do Apollo o surgimento do Capitólio diante de uma nova concepção que a modernidade trazia para a realização da prática teatral e cinematográfica adequadas ao público desses eventos rotineiros como também para outras práticas acomodadas a esse lugar diante da sua estrutura física.

Tentou-se de alguma forma tombar e revitalizar o Apollo através de medidas legais para enaltecê-lo do passado histórico cinematográfico campinense e fazer uso para a prática de eventos artísticos. João Dantas em entrevista a Ronaldo Dinoá (1993, p. 445) destaca o que ele buscou fazer junto com alguns artistas e autoridades políticas da época para a situação em questão trazendo à tona a relevância significativa e simbólica desse cine teatro para Campina Grande. Diante dessa situação buscou concretizar a idéia do Museu da Imagem e do Som

destacada na entrevista como forma de se revitalizar a significância simbólica que o Apollo possuiu durante a sua existência através das marcas deixadas na formação cultural no espaço vivido e percebido campinense construindo novas atitudes e valores nos sujeitos para com a sua vivência cotidiana onde se pretende também revigorar outras práticas culturais para uma revalorização cultural de Campina Grande não sendo tornada efetiva essa idéia e ficando o prédio do Apollo a mercê de outras funcionalidades descaracterizadas da sua originalidade.

Mas, diante das diversas práticas sociais que no contexto sociocultural delineadas pela economia e política em vigor, percebemos que a “marginalização espacial” no decorrer dos anos é um fenômeno comum aos cinemas de Campina Grande onde a perda do valor, pelas atitudes que boa parte da sociedade atribui a esses símbolos não busca o sentido da preservação original, distorcendo assim, a história não só daquele lugar, mas parte da história espaço-temporal de muitos sujeitos que deram significado a esses lugares-símbolo, pela desvinculação atribuída à decadência dessa prática social com a modernidade avassaladora da exibição de filmes industriais associada à banalidade que esse lugar adquiriu com a prática subversiva de muitos dos seus frequentadores.

2.2. CAPITÓLIO E BABILÔNIA: o apogeu e a decadência da representatividade simbólica do cinema em Campina Grande.

O surgimento dos cinemas Capitólio e Babilônia ocorreu na década de 1930 (1934 o Capitólio e em 1939 o Babilônia), tornando-se as duas grandes salas de cinema do município, sendo criadas para proporcionar um aspecto do esplendor que o progresso da modernidade cinematográfica proporcionou aos seus frequentadores dos mais diversos níveis sociais onde toda a importância significativa e simbólica que eles adquiriram trouxe um notório apogeu e *glamour* as suas respectivas trajetórias no contexto vivido e percebido campinense e de identificação marcante na vida de muitos sujeitos. Souza (2002, p. 253) demonstra toda essa representação no seguinte trecho:

Ainda na década de 30, os fãs de cinema da cidade foram presenteados com duas salas de exibição cinematográfica de peso. Com a inauguração dos Cines Capitólio, em 1934, e Babilônia, em 1939, a cidade entrou finalmente no rol das cidades progressistas que podiam agora oferecer mais este divertimento a seus cidadãos dos mais ‘variados matizes sociais’, como se gostava de afirmar na época.

O Babilônia junto com o Capitólio representaram o mais significativo e simbólico retrato geohistórico da sala de cinema em Campina Grande diante dos aspectos estruturais físicos e da configuração social através dos comportamentos apresentados pelas atitudes e valores percebidos nos sujeitos.

A representação simbólica diante da significância atitudinal e valorativa que o cinema Capitólio e o Babilônia possui reflete toda uma situação experiencial formadora de um vínculo afetivo, onde o trabalho conjunto entre o pensamento e o sentimento concretizam-se através do comportamento demonstrado. Ronaldo Dinoá destaca essa situação em um trecho comentado por si mesmo sobre a entrevista com Lívio Wanderley que mostra a importância simbólica e significativa desses dois cinemas na sua constituição comportamental voltada a sétima arte onde

Os cinemas Capitólio e Babilônia foram palco de minha infância e adolescência. Foi justamente a influência desses dois cinemas, que fez com que partisse para um melhor conhecimento da sétima arte, e, daí, ter nascido o Cine Clube Ruy Guerra, local onde se via filme de arte e se discutia o verdadeiro cinema (DINOÁ, 1993, p.459).

Também é relevante destacar no verso “Aquela chuva passageira” (MORAES, 1985, p. 87–88) que podemos compreender a referência de um sentimento afetivo-sensitivo para com o

Cine Capitólio diante da formação da perspectiva amorosa para com outra pessoa, em que o espaço-tempo vivido e percebido influi decisivamente na constituição comportamental do sujeito perante as suas atitudes e os seus valores percebidos na intermediação do construto intelectual humano para com o sentimental resultando na formação de uma intimidade por essa experiência o que demonstra como “O espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado” (TUAN, 1983, p. 151) e que, diante dessa circunstância, “Movemo-nos das experiências diretas e íntimas para aquelas que envolvem cada vez mais apreensão simbólica e conceitual”.

Toda essa representatividade que o Capitólio dirime na vida desse sujeito e da sua futura esposa realça a argumentação de que o comportamento humano perante a criação de um vínculo afetivo e emocional para com o lugar acaba por torná-lo um símbolo de grande notoriedade para uma vida diante da construção de uma atenção especial em relação àquele lugar onde à captura da atenção do sujeito para uma determinada situação influenciada por aquele objeto forma uma significância de proporções subjetiva bastante diferenciada no espaço-tempo vivido e percebido.

A influência que o Capitólio proporcionou na formação comportamental dos sujeitos que o freqüentaram demonstrado nas atitudes e nos valores apresentados reflete toda a concepção do sentimento topofílico concretizador e enaltecendor de práticas sociais marcantes na trajetória cultural cotidiana de várias pessoas diante do contexto socioespacial de vivência e percepção influenciando em mudanças e adaptações espaços-temporais geradoras de novos costumes marcantes para várias gerações que ali estiveram onde

Os filmes ou ‘fitas’ que eram exibidas no Capitólio marcaram para sempre as memórias, fantasias e sonhos de alguns de seus freqüentadores. Despertaram sentimentos os mais contraditórios, desde a inveja do mocinho que salvava a heroína nos finais dos ‘seriados’, até ciúmes das atrizes pelas quais os jovens imberbes, inapelavelmente se apaixonavam (SOUZA, 2002, p.253).

A percepção da relevância que o Capitólio proporcionou a alguns sujeitos é notável diante da formação de costumes através do uso por uma determinada situação específica onde evoca-se pensamento e sentimentos afetivos e emotivos constituindo, com isso, uma representatividade simbólica. Percebe-se que Iraci Correia em entrevista a Ronaldo Dinoá (1993, p. 406) cita um fato interessante do comportamento de sua mãe (Dona Merquinha) em relação ao Capitólio onde ela dava uma maior liberdade as filhas para ir a esse cinema durante a “sessão das moças” em que

se suponha um momento mais adequado a frequência das moças de família, não percebendo que os filmes com os galãs traziam à tona o romantismo delas e que tornou o respectivo cinema um símbolo na vida dessa pessoa e, provavelmente, de outras através da construção de um sentimento topofílico.

A trajetória do Cinema Capitólio possui uma grande notoriedade na formação socioespacial que Campina Grande passou nas primeiras décadas de sua existência enquanto objeto de grande influência na formação cultural e intelectual moderna passada onde muito se percebia que o cinema se tornou um dos principais instrumentos influenciadores nas mudanças de atitudes e valores sociais que foram bastante marcantes nas transformações sociais ocorridas durante a primeira metade do século XX em que o espaço desse cinema tinha uma utilidade primeira e significativa, a exibição de filmes, como também possuía outras utilidades (palanque político-partidário, teatro, etc.) que o tornaram um lugar de simbolismo diversificado.

Algumas apresentações de shows, a exemplo da do casal mexicano Tapia Rubios, foram de grande destaque na representação de outras funcionalidades relacionadas a esse e outros cinemas. Essa situação ocorreu pelo fato de que as pessoas da alta sociedade campinense queriam assistir uma exibição deles em um ambiente “saudável” (esse casal foi contratado para realizar algumas exibições no cassino-cabaré El Dorado e diante da repercussão do seu trabalho muitas pessoas que não frequentavam esse ambiente queriam assistir uma apresentação nesse cinema) sendo destacado esse fato por Olívio Rique em entrevista a Ronaldo Dinoá (1993, p.74 – 75) dentro do contexto de fundação desse cassino-cabaré.

É evidente destacar que a construção de uma representatividade simbólica para com o Capitólio teve por pressuposto uma perspectiva de ambiente saudável diante da formação cultural vivida e percebida até então, onde um fenômeno de grande repercussão apresentado em um ambiente considerado promíscuo proporcionou uma nova significação através da sua representação nesse cinema por outros olhares e sentidos.

Enfatiza-se ainda mais a relevância representativa social, política, econômica e cultural do Capitólio, principalmente nos seus primeiros anos, através do argumento de Severino Cabral Filho (2009, p. 182) que destaca a partir de uma fotografia tirada da fachada desse cinema o glamour e a importância diante da conotação simbólica e moderna através da sua estrutura física e da caracterização social destacando-se como ambiente ideal pela civilidade que se fundamenta nas opiniões de contemporâneos desse fato sobre o Capitólio onde muito se percebe uma

influência dos hábitos e comportamentos modernos para a identificação com esse objeto diante do nivelamento atitudinal e valorativo que os sujeitos adquiriram através da sua frequência.

Diante da sua principal e mais destacada funcionalidade, no caso a exibição de filmes, o Capitólio proporcionou uma evidente formação simbólica e afetiva que o fez um dos cinemas de maior representação emblemática de Campina Grande onde o sentimentalismo voltado a uma ligação afetiva e emotiva pode ser percebido em situações relatadas por algumas pessoas que viveram o apogeu da época das salas de cinema de Campina Grande.

Souza (2002, p. 254) destaca uma situação durante a década de 1940 onde os homens moços, ou como ele denomina “rapazes” passavam por um processo de adequação na vestimenta e de pontualidade notando-se toda uma construção sentimental, afetiva e simbólica voltada a um sentimento topofílico através do “[...] encantamento e prazer” que o Capitólio com a exibição dos filmes trazia aos espectadores e que influenciava muito além dessa prática social o que ocasionou diversas modificações no espaço-tempo vivido e percebido dessa cidade e construiu identidades para com os sujeitos.

Pode-se perceber o quão significativo e simbólico o Capitólio se tornou no cotidiano de algumas pessoas através da representatividade adquirida o que resulta em uma construção sentimental topofílica através das atitudes e dos valores percebidos pela expressão do sentimento e do pensamento a partir da(s) experiência(s) fomentadora(s) do lugar – símbolo para o sujeito.

No comentário em que Ronaldo Dinoá (1993, p. 459 – 460) faz sobre esse cinema percebe-se a notoriedade que possui na sua experiência comportamental e na de outros sujeitos diante do contexto espaço-tempo vivido e percebido onde se desencadeia uma série de pensamentos e sentimentos compositores de comportamentos diversos no tocante ao uso desse cinema através dos que o tornaram um marco socioespacial na geohistória de Campina Grande.

Adentrar no conhecimento representativo que o Capitólio proporcionou tornando-se, com isso, um símbolo da representação cinematográfica passada e presente campinense é perceber várias opiniões delineadoras de muitas situações e momentos significativos e marcantes nos conduzido a uma leitura das suas representações socioespaciais.

Lívio Wanderley em entrevista a Ronaldo Dinoá (1993, 459–464) mostra o que o Capitólio proporcionou diante da sua representatividade no espaço-tempo vivido e percebido tecendo uma série de comentários sobre situações de significância que tornaram esse cinema um lugar-símbolo nessa cidade.

O Capitólio possuiu e, de certa maneira, ainda possui uma caracterização simbólica configurativa diante de situações e momentos influenciadores no contexto social, político, econômico e cultural que se passava em Campina Grande mostrando várias perspectivas comportamentais de construção afetiva para com esse lugar.

É notório destacar a situação em que o Capitólio era inaugurado, onde, assim como coloca Lívio Wanderley para Dinoá (1993, p. 460) “Na época da inauguração, no dia 19 de Novembro de 1934, a cidade esteve em festa, haja visto a inauguração do cinema que chamou a atenção da comunidade” sendo dirimida, principalmente, pela nova idealização da sala de cinema através dos moldes da modernidade e que a sociedade campinense, de certa maneira, exigia para essa prática social tendo esse cinema sua estrutura física adequada ao padrão moderno o que foi decisivamente influenciador na decadência do Apollo e do Fox no período em questão.

Deve-se também destacar a representatividade de alguns sujeitos na construção simbólica que o Capitólio consolidou perante Campina Grande e os seus moradores diante da atuação que essas personagens exerciam através da funcionalidade ou das situações delineadas no decorrer do uso desse lugar.

Um exemplo de grande relevância a se destacar sobre o Capitólio eram os seus funcionários que ajudaram à torná-lo um símbolo para muitas gerações que ali estiveram. Lívio Wanderley (1993, p. 461) no decorrer da entrevista destaca alguns funcionários do cinema que se notabilizaram e proporcionaram parte da representatividade marcante dessa sala de exibição de filmes. O porteiro e lanterninha Tubarão e o Zé Porteiro foram pessoas que ganharam essa notabilidade diante da sua

[...] rigidez para com aqueles que faziam gritarias dentro do cinema. Foi uma época em que os famosos ‘moleques de cinema’ invadiam nossas salas. O velho Tubarão, sempre dava um jeito e no final, tudo saía bem. Zé porteiro foi outro que, além de grande amigo meu, trabalhou conosco durante 35 anos. Por ele, passaram várias gerações.

Podemos perceber ainda mais a notabilidade desses dois personagens que fomentaram o significado e o simbolismo do Capitólio e, no contexto mais abrangente, sobre o cinema em Campina Grande em que a perspectiva delineia-se por uma leitura mais ampla onde muito se compreende a relevância deles na formação de uma identidade simbólica para com o Capitólio.

O “Tubarão” tornou-se um sujeito de grande destaque significativo na formação simbólica que o Capitólio proporcionou para os frequentadores através da sua forma de atuação diante dos

comportamentos anárquicos de alguns mais exaltados. Francisco Maria Filho (1978, p. 45 – 46) mostra como se realizou toda a notabilidade desse porteiro através do cotidiano contextual formador do simbolismo do Capitólio a partir da crônica “O porteiro era Tubarão”:

Tarde de domingo. Do bolso da calça curta puxa o ingresso, mergulhando no mundo de aventura e emoção da ‘matinée’ do Capitólio. Aviões cruzam ar, fazendo piruetas sobre a cabeça do menino cheio de espantos.
Casas de amendoim, papel de bombons. Gritos, assovios, troca de tapas, berros de ‘é pra hoje!’ ‘Tubarão’ procurando fugir do barulho, muitos tapavam os ouvidos com as mãos.

Podemos destacar ainda mais a idealização de uma representatividade proporcionada sobre o Capitólio através da diversidade funcional (cine-teatro, palanque político-partidário, etc.) se deu através de situações destacadas. Um exemplo é a “sessão das moças” que se tornou dentro do contexto de formação comportamental modernista pelas atitudes e valores em que a especificidade de público e com filmes que vinculavam por uma diretriz topofílica essas pessoas o que, por consequência, gerou momentos e situações de notória significância simbólica. A crônica “Trio 111” de Francisco Maria Filho (1978, p. 10) mostra bem esse fenômeno através da representatividade comportamental das três mulheres em relação a exibição da sessão específica diante de todo o contexto relacional que o cinema proporcionou aflorando todo um apogeu sentimental topofílico proporcionado por esse equipamento social e todos os seus elementos constituintes destacados no seguinte trecho:

O cartaz do Capitólio anuncia: ‘Hoje – Sessão das Moças’ ‘UMA NOITE NO RIO’ com Dom Ameche. Cinema lotado. Rapazes querendo ser ‘drecos’ faziam pose, fumando nas laterais. Lá no meio, o ‘trio’. Três meninas unidas pelo mesmo sonho, a mesma ilusão, na esperança de um namoro com Dom Ameche.

Foi uma noite de emoção e ternura. A fita, não só pela história como pela música, tomou conta da cidade. Ali estava Dom Ameche, bem perto, no Rio de Janeiro, a mexer com o coração das moças. De vez em quando, em cada cena, um murmúrio, um suspiro de emoção.

Lembro-me bem! Na última cena do filme, um ‘1’ não agüentou mais e caiu no choro, enquanto o ‘11’ procurava consolar: ‘Besteira menina, isso é uma fita’!

Nota-se como as atitudes e os valores comportamentais vividos e percebidos entre os frequentadores e os funcionários do Capitólio eram subjetivamente delineados por situações e momentos dentro do contexto espaço-tempo representado pelo cinema através da conjuntura social, político, econômico e cultural prevalecente onde pode se perceber uma influência

significativa e simbólica na vida desses sujeitos. Souza (2004) destaca uma série de situações comportamentais subjetivas perante a todo envolvimento do Capitólio diante da cidade onde os fenômenos ocorridos por influência direta e indireta pelos seus diversos personagens tornaram-no um símbolo de grande notoriedade onde

[...] o cinema, além de servir de espaço de trabalho para muitas pessoas que usavam os ambientes cinematográficos como os locais de seus sustentos, era um espaço para as brincadeiras e as algazarras de alguns frequentadores (sic) que pouco se importavam com o que estava acontecendo na tela. As posturas e atitudes de funcionários e espectadores causavam muitas vezes situações cotidianas de diversão e tensão, que mostram os cinemas como ambientes marcados pela multiplicidade de usos (p. 30).

A importância significativa e simbólica que as salas cinematográficas adquiriram em toda a sua escala de atuação mostra uma representatividade diversificada através das variadas formas de ligação sentimental-afetiva perante o comportamento apresentado no transcorrer do espaço-tempo cotidiano e humanístico.

Percebe-se que apesar da notória relevância histórica e geográfica do Capitólio, sendo um prédio já tombado pelo patrimônio histórico e geográfico do município, muito da construção discursiva sobre o estado atual de decadência para com a sua revitalização passa por uma situação paradoxal onde diante da sua revitalização e preservação enquanto patrimônio histórico e geográfico de Campina Grande se encontra em pleno descaso remontando, com isso, a questão da desvalorização que o cinema, enquanto símbolo influenciador na formação socioespacial do campinense no decorrer do espaço-tempo de funcionamento dessa sala transformando comportamentos através das atitudes e dos valores percebidos torna-se de grande significância que esse cinema seja mantido enquanto função voltada à memória e preservação da história das salas de cinema nessa cidade.

Toda essa situação remonta a uma visibilidade depreciativa dos traços culturais das sociedades passadas onde a configuração da modernidade reflete em uma decomposição de significados simbólicos servindo, para alguns, de mero objeto ocupante do espaço, onde com a perda da identidade no contexto em questão torna-se um mero objeto em que assim como coloca Yi-Fu Tuan (1983, p. 182) “Com o passar do tempo, a maioria dos símbolos públicos perdem seu status como lugar e simplesmente obstruem o espaço”.

A preservação do Capitólio, diante da sua representatividade e funcionalidade remontada a sua geohistória torna-se um ponto de elevada e divergente discussão preponderante que deve

ser cuidadosamente trabalhado para o bem do conhecimento histórico e geográfico do cotidiano passado e presente de Campina Grande diante dessa prática social proporcionada por essa e as outras salas de cinema.

Percebe-se que o Babilônia construiu uma história de grande apogeu significativo e simbólico nas suas seis décadas de funcionamento revolvendo os mais diversos sentimentos e pensamentos geradores

[...] de sonhos, mas são também de conscientizações profundas e de plenos relaxamentos da mente e do espírito (às vezes, o físico padece). São nesses recintos que consubstancia – se a tão decantada e necessária ‘ sétima arte ’ que tem, ao longo das décadas, ajudado a formar culturalmente as sociedades (DINOÁ, 1993, p.465)

para os seus frequentadores que proporcionaram o status de lugar-símbolo.

Ronaldo Dinoá (1993) mostra que o Babilônia muito fez para a sua formação social, enaltecendo no espaço-tempo situações e momentos marcantes que permaneceram significativamente através de uma simbolização afetiva. Destaca-se a trajetória desse cinema durante as décadas de 1940 e 1980 onde ele realça o apogeu significativo e simbólico no seguinte trecho:

Nos primórdios eram o Apolo e o Fox, depois vieram o Capitólio e o Babilônia, este último o tema desta reportagem, que elaboramos inspirados pelas saudades de nossa infância e adolescência. Os que viveram a década de 40 não podem esquecer as séries como O Besouro Verde, O Zorro e outras. E o que dizermos de Flash Gordon, A Polícia Montada, Os perigos de Paulina, dentre várias, polindo o dourado dos anos 50? A partir da segunda metade da década de 60, as casas exibidoras de filmes começaram a sentir os efeitos da massificação da televisão. Os anos seguintes mostrariam que o espaço podia ser bem dividido entre dois importantes órgãos de comunicação. Os cinéfilos de nossa cidade absorveram compreensivamente a nova forma de usufruir a importância da arte cinematográfica. E o Babilônia sempre mostrou-se elegante na assimilação dos novos costumes. Reciclando sua aparência quando necessário, tem se mantido, em 49 anos de existência respeitável, na medida forjada pelos homens que o têm conduzido (p. 465).

O Babilônia diante da construção de uma representatividade significativa e marcante no espaço-tempo vivido tornou-se um dos símbolos de destaque na exibição de filmes entre outras atividades culturais diante do seu apogeu arquitetônico e social refletidos pelos ditames modernos.

A simbologia formada pelo Babilônia, como também pelos outros cinemas dessa cidade anteriores e posteriores a esse, na primeira metade do século XX, diante do uso através das

diversas práticas sociais dirimidas no espaço-tempo vivido dos sujeitos reflete toda uma significância desses objetos em Campina Grande pela disseminação pública onde a formação da capacidade identitária e simbólica adquirida se destaca assim como relata Luis Teixeira a Ronaldo Dinoá no seguinte trecho: “A importância de nossas salas comerciais pode ser interpretada pela própria assiduidade que alcançou no seu período áureo” (1993, p. 466).

Essa situação faz perceber a construção de nostalgias e sentimentos de grande afetividade pelas salas cinematográficas, em destaque a do Babilônia que Luis Teixeira reitera a assiduidade das pessoas nessa sala onde “[...] a população, nos velhos tempos, tinha como diversão maior o cinema, inclusive, com muita assiduidade” (1993, p. 466).

Toda essa configuração a partir da frequência a essa sala de exibição de filmes se destaca como um dos fenômenos de maior pujança na consolidação do Babilônia como lugar-símbolo através de todo o aparato influenciador na composição da sala de cinema. Podemos destacar na entrevista quando Ronaldo Dinoá faz perguntas a Luis Teixeira a todo contexto influenciador e marcante voltado ao Babilônia que a variedade de filmes e gêneros exibidos, seriados além da estrutura técnica proporcionaram momentos de relevada significância como o “record” de público onde Luis Teixeira (1993, p. 469) diz que “Na fase antiga, foi com o filme ‘A Última Carroça’. A fase atual mais recentemente, o filme ‘Os Heróis Trapalhões’, batendo mesmo o filme da Xuxa, de longe”.

Perante o fenômeno da assiduidade se percebe na entrevista que os frequentadores estavam caracterizados dentro do contexto social, político, econômico e cultural da modernidade civilizadora que se destaca pelos ditames de um cinema voltado a classe mais abonada onde tudo que se caracterizaria importante na busca da construção de um ideal complacente a questão moderna. Podemos destacar na resposta de Luis Teixeira a Ronaldo Dinoá (1993, p.469) diante da situação caracterizada anteriormente alguns exemplos dos frequentadores como Stênio Lopes, Átila Almeida, Bezerra de Carvalho, etc. pessoas de destaque na sociedade local tendo, por destaque, na fala de Luis Teixeira “Dr. Manuel Figueiredo” como o maior frequentador no período em questão.

Isso faz ressaltar toda uma estruturação diante do conhecimento sobre o cinema enquanto objeto de significância simbólica norteado por um determinado fenômeno diante da conjunção complexa comportamental do ser humano.

É de grande valia destacar dessa entrevista de Luis Teixeira que a formação da

experiência humana através do trabalho exercido por várias funcionalidades no decorrer da sua trajetória profissional em alguns cinemas dessa cidade, especialmente o Babilônia, passando dentro do período espaço-tempo de grandes transformações sociais para com esse objeto tornar-se de grande relevância significativa proporcionando todo um viés fenomenológico diante da formação conceitual e simbólica do cinema enquanto lugar – símbolo pode proporcionar a vida desse sujeito e também de outros na referência socioespacial realizada pelos ditames característicos da modernidade e contrapostos através das diversas perspectivas subjetivas.

Luis Teixeira no decorrer da entrevista (1993, p. 467) discorre sobre a sua trajetória profissional no Babilônia destacando diversos momentos e situações que remontam uma singular construção afetiva e emotiva através das lembranças destacadas correlacionadas a toda uma estrutura característica de notável valor identitário.

Toda essa notória representatividade social perante a estruturação espacial humana guiada pela concretização desse cinema, além dos outros, enquanto símbolo modelador de comportamentos humanos tem o seu ápice ligado a década de 1950 onde se destacava não somente pela exibição cinematográfica mas, também, pelo uso que as pessoas exerciam para outras atividades sociais onde “Antes do início da projeção, as pessoas ficavam discutindo sobre problemas da cidade, etc.” (DINOÁ, 1993, p. 467) ampliando a sua significância.

Uma outra caracterização significativa carregada pelo Babilônia durante esse período assim como o Capitólio no contexto sociocomportamental de Campina Grande era o tipo de traje característico diante dos procedimentos impostos de certa maneira pela modernidade através da adequação tornando – se

Um detalhe muito interessante na época [onde] as pessoas que freqüentavam (sic) o cinema vinham bem vestidas, com um cuidado muito grande com as aparências; quem freqüentava (sic) as sessões se esforçava o máximo possível para estar bem vestido. Eram (sic) um verdadeiro desfile de moda as sessões cinematográficas de antigamente. Havia casos que muitas pessoas deixavam de vir ao cinema por falta de uma roupa que fosse adequada no momento” (DINOÁ, 1993, p. 467).

Demonstra-se a influência da representatividade humana configurada pelo contexto social cotidiano na caracterização do objeto através de uma conotação simbólica abrangente diante da relação formada entre o tempo e o lugar por influências diversas.

No transcorrer da entrevista, Ronaldo Dinoá (1993, p. 467-468) se refere à questão da composição técnica que o Babilônia proporcionava através do arranjo de aparelhos

cinematográficos que se adequassem a qualidade de exibição dos filmes e que se faz perceber como uma das características construtivas de um significado simbólico de grande afetividade através da representação destacada por Luis Teixeira assim como o próprio Dinoá tendo, por exemplo, a inauguração do Cinema Scope destacada no seguinte trecho:

RD – Ainda recordo, com grande nostalgia, da inauguração do Cinema Scope no Babilônia, não recordando, no momento, o filme exibido na ocasião. Qual ou quais os filmes exibidos pelo Babilônia, na inauguração do Cinema Scope?

LT – Bem, o Cinema Scope no Babilônia foi inaugurado no ano de 1957, com um festival de filmes, que foram: ‘O Manto Sagrado’(o primeiro filme em Cinema Scope exibido no Babilônia), ‘Demétrius, o Gladiador’, ‘O Príncipe Valente’, ‘A Fonte dos Desejos’, ‘Suplício de uma Saudade’, dentre outros que não recordo no momento.

Ainda mais reflexivo a notoriedade exibitória de significação simbólica atribuída a esse cinema e outros dessa cidade através do uso de subsídios técnicos e informativos que delinearão toda uma memória marcante através do contexto representativo que esse objeto adquiriu para os seus frequentadores e funcionários foi o uso de músicas antes da exibição dos filmes que ajudavam a enaltecer a capacidade de apreensão do sujeito ao filme em que Ronaldo Dinoá (1993, p. 468) ao ressaltar essa situação destaca a não utilização nos dias atuais do “prefixo musical” o que faz notar a percepção atitudinal e valorativa dele e de Luis Teixeira no tocante ao desuso desse recurso que, de certa maneira, ajudou na construção de uma afetividade simbólica para com o Babilônia diante da criação de uma expectativa nostálgica e afetiva.

Diante da composição espaço-temporal do público do Babilônia correlacionada a conduta dentro do contexto social, político, econômico e cultural proveniente no cotidiano experienciado dos sujeitos em Campina Grande se desenvolve toda uma complexa estruturação da caracterização identitária diante da busca de uma formação perceptiva, comportamental, atitudinal e valorativa voltada aos princípios da modernidade condicionada por um destaque atribuído a essa sala de cinema pela relevância significativa de uso e apreensão dos bons costumes onde, assim coloca Luis Teixeira a Ronaldo Dinoá (1993, p. 468):

Ele (seu Vieira) nunca permitiu bagunça na sala de projeção, nem tão pouco molecagem durante as projeções. Também era muito exigente na questão do traje, dos espectadores; o mesmo não permitia que uma pessoa que estivesse com uma calça rasgada, etc, entrasse no cinema. Depois, o Babilônia sempre exibia filmes ganhadores do Oscar, etc. Depois, a sala sempre foi bem cuidada para uma melhor comodidade dos aficcionados da Sétima Arte.

A situação de entendimento de uma representatividade significativa e simbólica percebida no Babilônia através do gênero de filmes se destaca diante de uma contextualização espaço-temporal através da capacidade atrativa que exercia no público pela formação de toda uma conjuntura comportamental, atitudinal e valorativa enviesada pelos filmes e seriados exibidos que construíam uma relação da realidade e ficção voltada de notória influência ao entendimento social, político, econômico e cultural da sociedade campinense. Ronaldo Dinoá (1993, p. 468-469) destaca diante dessa situação pelas palavras de Luis Teixeira que os gêneros Faroeste, Bíblicos, o cinema de arte, seriados, etc. no transcorrer de toda espaço-temporal desse cinema ajudou a compor toda uma identificação característica afetiva que se tornou influente na realidade de diversos sujeitos.

Portanto, podemos destacar dentro dessa breve apreciação espaço-temporal da geohistória do cinema Babilônia que o mesmo foi de grande importância na constituição de uma representatividade simbólica e significativa através da capacidade formativa identitária que desenvolveu em vários sujeitos diante de toda a sua caracterização funcional e afetiva para com as diversas experiências no contexto cotidiano de Campina Grande.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho científico e cotidiano consolidado pela compreensão de uma realidade espacial vivida e percebida através da formação conceitual e simbólica que os cinemas adquiriram no cotidiano experienciado de vivência humana dentro dos ditames de representação das categorias espaço e lugar voltadas ao entendimento da Topofilia através da construção epistemológica fenomenológica realça todo um entendimento singular da geohistória que o Apollo, Fox, Capitólio, Babilônia, São José, Avenida e Multiplex 5 concretizaram na sociedade campinense diante de uma contundente contribuição no comportamento subjetivo.

Para tanto, perceber, agir e valorizar a importância que as salas de cinema de Campina Grande, especialmente o Apollo, Fox, Capitólio e Babilônia, proporcionaram e proporcionam em todo o período espaço-temporal de existência, através do início, consolidação, duração e decadência que se concretizou em torno da formação cotidiana dos sujeitos pelas diversas experiências comportamentais consolidadas em consonância com os aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais possibilitaram toda uma simbolização espacial através de uma conjuntura formativa identificada e voltada a uma diversidade de fenômenos representativos.

A capacidade comportamental humana de significação dos objetos em destaque enovelada por toda uma complexa estruturação formativa a partir da compreensão enquanto lugar-símbolo diversifica-se perante a respectiva capacidade de entendimento da realidade subjetiva onde, através da aptidão percebida pelos vários pontos-de-vista acerca desses cinemas notou-se uma complexa conjunção de condutas e sentimentos humanos norteadores da consolidação de uma ligação sentimental topofílica perante a realidade de estudo inacabada em questão e que apesar das influências externas, sem dúvida nenhuma, mostra como a capacidade singular foi decisiva na estruturação afetiva identificada para com o lugar-símbolo (cinemas).

A composição característica da sala de cinema dentro do contexto moderno e pós-moderno constitutivo de uma conjectura voltada as modificações sociocomportamentais relacionadas à sala de cinema no município de Campina Grande se percebe como um fenômeno significativo e influenciador na simbolização e descaracterização simbólica desse objeto que se fez notabilizar pela representatividade diversificada de um construto cotidiano e científico de grande valia na consolidação desse estudo.

Por fim, é de grande importância ressaltar que a partir de uma situação de curiosidade

sobre a história das salas de cinema que existiram e ainda existem em Campina Grande voltada ao pensamento de preservação de um patrimônio de grande representatividade social, política, econômica e cultural na vida de muitos sujeitos e na trajetória desses mesmos aspectos que os cinemas formaram diante de um comprometimento intelectual e científico voltado ao interesse de um início de maturidade científica sobre a Geografia no todo, especialmente a Geografia Humanística proporcionaram essa realização de conhecimento sobre objetos decisivamente influenciadores da estruturação espacial vivida e percebida, de identificação e vinculação afetiva singular.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Léa. **Recortes da Modernidade: a sedução do progresso recria a memória na demolição do patrimônio histórico.** In: GURJÃO, Eliete Queiroz. (Org.). *Imagens Multifacetadas da História de Campina Grande*. Campina Grande: Prefeitura Municipal de Campina Grande: Secretária de Educação, 2000. p. 140-167.
- BARBOSA, F. L. **De rainha a plebéia: inventário das transformações urbanas e arquitetônicas de Campina Grande entre 1935-1945.** 1999. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1999.
- BAUMAN, Zygmunt. **Tempo/Espaço.** In: _____. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. p. 107-149.
- BELLO, Angela Ales. **Introdução à Fenomenologia.** Bauru: Edusc, 2006.
- BUTTNER, Anne. **Aprendendo o dinamismo do mundo vivido.** In: CHRISTOFOLETTI, Antonio. (Org.). *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: Difel, 1982. p. 165-193.
- CABRAL FILHO, Severino. **A cidade revelada: Campina Grande em Imagens e História.** Campina Grande: EDUFCG, 2009.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **Espaço: um conceito-chave da Geografia.** In: CASTRO, Iná Elias de; Gomes, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. (Orgs.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 15-47.
- COSTA, Maria Helena Braga e Vaz da. **Cinema e arquitetura: percepção e experiência do espaço.** *Cidades*, Presidente Prudente, vol. 5, n. 7, p. 63-78, jan/jun, 2008.
- DINOÁ, Ronaldo. **Memórias de Campina Grande.** Campina Grande: Editoração Eletrônica, 1993. 2 v.
- CLAVAL, Paul. **O território na transição da pós-modernidade.** *GEOgraphia*, Rio de Janeiro, Ano1, n.2, p.7-26, 1999. Disponível em: <<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/download/16/14>> Acesso em: 19 maio. 2011.
- GOMES, Paulo César da Costa. **Cenários para a geografia: sobre a espacialidade das imagens e suas significações.** In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. (Orgs.). *Espaço e cultura: pluralidade temática*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008. p. 187-210.
- LEAL, Wills. **Cinema na Paraíba/ cinema da Paraíba.** João Pessoa: Fundação Cultural Ormeo Junqueira Botelho, 2007. 2 v.
- MARIA FILHO, Francisco. **Crônicas.** João Pessoa: A União editora, 1978.

MELLO, João Baptista Ferreira de. **O Rio dos símbolos oficiais e vernaculares**. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. (Orgs.). *Espaço e cultura: pluralidade temática*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008. p. 173-186.

MORAES, Antonio Pereira de. **Vi, ouvi e senti**. Campina Grande: Edigraf, 1985.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Editora Hucitec, 1988.

SILVA, Keila Queiroz e. **“Sem lenço e sem documento”: mulheres de 60, filhas de um novo tempo?**. In: GURJÃO, Eliete Queiroz. (Org.). *Imagens Multifacetadas da História de Campina Grande*. Campina Grande: Prefeitura Municipal de Campina Grande: Secretária de Educação, 2000. p. 101-139.

SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de. **A CINEMATOGRAFIZAÇÃO DO COTIDIANO: O Cinema e o cotidiano dos campinenses**. In: _____. *LAZERES PERMITIDOS, PRAZERES PROIBIDOS: Sociedade, Cultura e Lazer em Campina Grande (1945-1965)*. Tese (Doutorado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Departamento de História. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2002. p. 251-285.

SOUZA, Lincon César Medeiros de. **“A SESSÃO VAI COMEÇAR”: O cinema e as mudanças de hábitos e comportamentos na Paraíba na primeira metade do século XX**. Monografia (Graduação em História) – Centro de Humanidades – Departamento de História – Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande, 2004.

_____. **Cinematographo: a imagem da modernidade e das praticas socioculturais na cidade de Campina Grande - 1900-1940**. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Humanidades – Departamento de História. Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande, 2009.

SPOSITO, Eliseu Savério. **A questão do método e a crítica do pensamento geográfico**. In: CASTRO, Iná Elias de; MIRANDA, Mariana; EGLER, Claudio A. G. (Orgs.). *Redescobrimdo o Brasil 500 anos depois*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil: FAPERJ, 2000. p. 347-359.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**. São Paulo: Difel, 1980.

_____. **Espaço e Lugar**. São Paulo: Difel, 1983.

_____. **Geografia Humanística**. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio. (Org.). *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: Difel, 1982. p. 143-164.

WANDERLEY, Múcio L. **Programa variado**. João Pessoa: A União, 1993.

Site:

<http://cgretalhos.blogspot.com/>.